

REVISTA

Linguagem *em pauta*



Vol. 2 | N. 2 | 2022

Linguagem em pauta

Ano 2, Vol.2., Num.2., 2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Vice-Reitor

Francisco Carvalho de Arruda Coelho

Pró-Reitora de Planejamento e Administração

Kaliny Kélvia Pessoa Siqueira Lima

Pró-Reitora de Graduação

Jônia Tércia Parente Jardim Albuquerque

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Antônio Glaudenir Brasil Maia

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Rebeca Sales Viana

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

Ana Íris Tomás Vasconcelos

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Cleidimar Rodrigues de Sousa Lima

Diretora do Centro de Filosofia, Letras e Educação

Maria Elisalene Alves dos Santos

Coordenadora do Curso de Letras

Franciclé Fortaleza Bento

Editora-chefe

Flávia Cristina Candido de Oliveira

Editores-adjuntos

Franciclé Fortaleza Bento

Jessé de Sousa Mourão

João Paulo Eufrazio de Lima

Jorge Luiz Adeodato Júnior

Revisor

Francisco Sérgio Fernandes Carneiro

Capa

Jessé de Sousa Mourão

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
A REDAÇÃO DO ENEM E A COMPETÊNCIA V: AS RELAÇÕES DIALÓGICAS PRESENTES NA CARTILHA DO PARTICIPANTE	06
Pricilla Záttera	
BREVE HISTORIOGRAFIA DOS ESTUDOS SEMIÓTICOS DA GESTUALIDADE NO BRASIL	24
Suelismar Mariano Florêncio, Rubens Rosa Júnior e Sebastião Elias Milani	
A MERCANTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM PRESENTE NO RITUAL DE CULTO AO <i>K-POP</i> : TENSÕES ENTRE IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM	42
Jaqueline Mayumi Ikeda Loureiro	
O RISO NO CANAL “DECONFINADOS”: CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO HUMOR POR EVANGÉLICOS EM PRÁTICAS DISCURSIVAS NO <i>YOUTUBE</i>	59
Vitor Simiquel Borges e Rony Petterson Gomes do Vale	

APRESENTAÇÃO

É com alegria que publicamos a segunda edição da Revista Linguagem em pauta, periódico científico vinculado ao curso de Letras – habilitações em língua inglesa e língua portuguesa – da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Esta publicação atemática é composta por quatro artigos direcionados aos estudos linguísticos.

A edição conta com a colaboração de professores-pesquisadores – mestres e doutores (PhD) –, doutorandos e mestrandos de universidades de diversas regiões do Brasil: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Federal de Viçosa (UFV).

O primeiro artigo desta edição é intitulado “A redação do Enem e a competência V: as relações dialógicas presentes na cartilha do participante”, produzido por Pricilla Záttera, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Em seu artigo, a autora trata da Competência V da Matriz de Referência da redação do Enem e analisa o documento oficial do Ministério da Educação (MEC) – A cartilha do Participante – a fim de desvelar as relações dialógicas que o documento estabelece com discursos que circulam na sociedade.

O segundo artigo de Suelismar Mariano Florêncio, mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Rubens Rosa Júnior, mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Sebastião Elias Milani professor titular da Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutor em Semiótica e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) é intitulado “Breve historiografia dos Estudos Semióticos da gestualidade no Brasil”. Nesse trabalho, os autores apresentam uma narrativa historiográfica sobre a recepção do conceito de gestualidade pela semiótica de linha francesa no Brasil com o objetivo de compreender como se deu a periodização desse conceito no país.

O terceiro artigo trata das tensões ideológicas da linguagem na cultura coreana expandida por meio do *K-Pop* e seu *fandom*. O trabalho é intitulado “A

Mercantilização da Linguagem presente no ritual de culto ao *K-Pop*: tensões entre ideologias da linguagem”, de autoria de Jaqueline Mayumi Ikeda Loureiro, mestranda no Programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Segundo a autora, a pesquisa reflete e discute sobre a língua coreana e seu processo de ideologia da linguagem na mercantilização da cultura *K-Pop*. O estudo foi em torno de um conjunto de códigos de culto dos fãs a grupos e ídolos do *K-Pop*.

O quarto artigo intitulado “O riso no canal ‘Desconfinados’: considerações sobre o uso do humor por evangélicos em práticas discursivas no *YouTube*” são dos autores Vitor Simiquel Borges, mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); Rony Petterson Gomes do Vale, PhD em Linguística do Texto e do Discurso e professor adjunto pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O artigo visa compreender e vislumbrar a construção do riso no discurso nos esquetes desse canal, para isso, toma por base a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau e analisa cinco enquetes do canal.

Agradecemos aos professores que se disponibilizaram em avaliar os artigos com seriedade e diligência. Também agradecemos as contribuições de nossos colaboradores e desejamos que as investigações, aqui elencadas, sirvam como fonte para novas pesquisas, propiciem debates e colaborem com os estudos no escopo dos estudos linguísticos no Brasil.

Flávia Cristina Candido de Oliveira

A REDAÇÃO DO ENEM E A COMPETÊNCIA V: AS RELAÇÕES DIALÓGICAS PRESENTES NA CARTILHA DO PARTICIPANTE

ENEM'S COMPOSITION AND COMPETENCE V: THE DIALOGICAL RELATIONS PRESENT IN THE PARTICIPANT'S BOOKLET

Pricilla Záttera¹

Resumo: A redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tornou-se um objeto muito valorado em nossa sociedade, considerando que o seu resultado representa uma parcela significativa da nota desse exame. Além disso, o êxito no certame possibilita aos alunos concluintes do Ensino Médio (EM), por exemplo, terem acesso ao Ensino Superior, já que muitas universidades têm utilizado o seu resultado como forma de ingresso. Assim, os olhares para a prova de redação, por parte de professores e pesquisadores, são cada vez mais intensos. No caso deste artigo, nossa atenção volta-se especificamente para a Competência V da Matriz de Referência da redação do Enem, que diz respeito à elaboração da proposta de intervenção social. Essa escolha se justifica pelo fato de que, como professora-pesquisadora, percebemos que esse é um dos critérios que os alunos mais têm dificuldades, haja vista que o desempenho nela é, em boa medida, abaixo do esperado. Dessa forma, analisamos o seguinte documento oficial disponibilizado pelo Ministério da Educação relacionado a essa competência: a Cartilha do Participante — documento instrucional disponibilizado aos candidatos. Nosso objetivo, portanto, é analisar como esse documento oficial compreende a Competência V e como orienta a sua produção, buscando desvelar as relações dialógicas que o documento estabelece com discursos que circulam na sociedade. Nossa base teórica se sustenta na Linguística Aplicada, nas discussões da Teoria Dialógica de Linguagem, mobilizadas pelo Círculo de Bakhtin, além de se ancorar em pesquisadores brasileiros que discutem o ensino de Língua Portuguesa. Esta pesquisa é do tipo qualitativo-interpretativista e de análise documental (MOITA LOPES, 1998; BORTONI-RICARDO, 2008; FLICK, 2009). Após analisarmos as orientações da Cartilha do Participante no que concerne à Competência V, constatamos que o documento estabelece relações dialógicas com discursos governamentais do protagonismo juvenil e com aqueles que fomentam o exercício da cidadania por parte dos jovens brasileiros, o que se distancia da realidade vivida pela juventude brasileira.

Palavras-chave: Enem; proposta de intervenção; competência V; relações dialógicas.

Abstract: The writing test of the Enem has become a highly valued object in our society, considering that its result represents a significant portion of the exam's grade. Moreover, success in the exam allows students who have completed high school, for example, to have

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel (PR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0195973302201192>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5147-1027>. E-mail: profaprizattera@gmail.com.

access to higher education, since many universities have used its results as a form of admission. Thus, teachers and researchers are increasingly focusing on writing tests. In the case of this article, our attention turns specifically to Competence V of Enem's Reference Matrix, which concerns the elaboration of a proposal for social intervention. This choice is justified by the fact that, as a teacher-researcher, we noticed that this is one of the criteria that students have the most difficulties with, as well as the competence that most interferes with the final grade since the performance in it is lower than expected. Thus, we analyzed the following official document made available by the Ministry of Education related to this competence: the *Cartilha do Participante*. Our objective, therefore, is to analyze how this official document understands Competence V and how it guides its production, seeking to unveil the dialogic relations that the document establishes with discourses that circulate in society. Our theoretical base is based on Applied Linguistics, on the discussions of the Dialogical Theory of Language, mobilized by Bakhtin's Circle, besides being anchored in Brazilian researchers who discuss the teaching of Portuguese Language. This research is qualitative-interpretative and document analysis (MOITA LOPES, 1998; BORTONI-RICARDO, 2008; FLICK, 2009). After analyzing the orientation of the Participant's Booklet regarding Competence V, we found that the document establishes dialogic relations with governmental discourses of youth protagonism and with those that promote the exercise of citizenship by young Brazilians.

Keywords: Enem; intervention proposal; competence V; dialogical relations.

Introdução

Durante a vida escolar, os alunos brasileiros passam por diversos tipos de avaliação. Nesse rol, uma das avaliações que tem maior destaque é, sem dúvida, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que é uma avaliação externa em larga direcionada a alunos do Ensino Médio (EM) ou àqueles que já concluíram essa etapa escolar. Além de se avaliar as diferentes áreas do currículo escolar, o exame conta com uma prova de redação, que contém especificidades próprias e critérios singulares que constituem a nota final do candidato. Dentre as cinco competências avaliadas², este estudo se concentra na Competência V, que consiste em se elaborar uma proposta de intervenção para um problema social abordado no comando de produção da redação, respeitando-se os direitos humanos.

Um recurso importante para auxiliar os que farão a redação é a *Cartilha do Participante*, documento oficial elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) e disponibilizado *on-line* aos candidatos, que contém informações e orientações referentes à prova, tais como: as competências e as habilidades que são avaliadas, algumas orientações referentes à estrutura e, ainda, exemplos de redações que foram produzidas em anos anteriores e que obtiveram a nota máxima (1000

² As cinco competências são mencionadas na próxima seção deste artigo.

pontos). Então, como objetivo geral, procuramos analisar como esse documento oficial compreende a Competência V e como orienta a sua produção aos candidatos, estabelecendo relações dialógicas entre o discurso oficial e outros que circulam socialmente.

Nosso estudo está organizado da seguinte maneira: esta introdução; a primeira seção possui informações referentes ao Enem e à prova de redação, com ênfase na Competência V; a segunda, em que apresentamos a Teoria Dialógica do Discurso; a terceira, em que realizamos uma análise dialógica da Cartilha do Participante; e, por fim, as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

O Exame Nacional do Ensino Médio, a prova de redação e a competência V

O Enem é uma avaliação individual, em larga escala, criado em 1998 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao MEC. A avaliação foi instituída pela Portaria do MEC nº438, de 28 de maio de 1998. A princípio, o objetivo do exame era avaliar a qualidade do EM no país, não sendo utilizado como forma de ingresso ao Ensino Superior. Com o passar dos anos e com a popularidade da prova, a nota do exame passou a ser utilizada como maneira de os alunos ingressarem ao ensino universitário, de modo que algumas Instituições de Ensino Superior (IESs) usam a nota obtida no Enem de uma maneira a complementar ou até mesmo substituir os sistemas avaliativos de cada instituição, pública ou privada.

Devido a essas mudanças no foco da prova, o MEC criou, em 2004, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), por meio da medida provisória nº 213, de 10 de setembro, tornando-se uma lei no ano seguinte. A Lei nº 11.096/2005 destaca que o PROUNI é um programa governamental que visa a fornecer bolsas de estudo em IESs privadas do país a alunos que estudaram em escolas públicas ou que obtiveram bolsas de estudos em escolas particulares.

Após diversas alterações, tanto em seu formato quanto em seus objetivos, em 2009, houve mudanças mais significativas, principalmente quanto ao objetivo da prova, haja vista que foi a partir desse ano que o certame passou a ser utilizado como um sistema unificado de seleção para ingresso nas instituições federais de

ensino superior. A base legal dessa reestruturação se amparou na Portaria nº 109, Incisos II e III, de 2009, que dispõe, entre outros aspectos, sobre as formas de adesão por parte dessas instituições: (i) utilização apenas do Enem, por meio do uso do Sistema de Seleção Unificada (SiSU³); (ii) o Enem sendo combinado com o vestibular da instituição, em que se fará uma composição entre as notas obtidas no Enem e as notas do vestibular; (iii) o Enem como primeira etapa (ou fase) e o vestibular como segunda; ou, ainda, (iv) o Enem para as vagas remanescentes do processo seletivo de cada instituição (BRASIL, 2009).

Ainda nessa mesma portaria, outra alteração importante aconteceu: o número de questões, ao invés de serem 45 em cada um dos dois dias, passou a ser de 90 questões, totalizando 180 questões que devem ser respondidas em dois domingos de prova. Essas questões, ainda de acordo com o disposto no documento, são distribuídas, igualmente, em quatro áreas do conhecimento, e não mais em disciplinas específicas: Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e, ainda, uma redação dissertativo-argumentativa.

A respeito da redação, a Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB), vinculada ao INEP, orienta os candidatos sobre o texto requerido na prova, bem como o caminho que deve ser seguido desde a introdução até a conclusão:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma **tese** – uma opinião a respeito do **tema** proposto -, apoiada em **argumentos** consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma **proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto** que respeite os direitos humanos (BRASIL, 2019, p. 5, grifos no original).

As determinações mencionadas no documento servem como parâmetro de avaliação do participante, que, como produtor de um texto dissertativo-argumentativo, precisa demonstrar conhecimento sobre o tema, argumentando

³ Criado pela Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010, o SiSU é um sistema informatizado, gerenciado pelo MEC, por meio do qual são selecionados candidatos a vagas em cursos de graduação disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior participantes. De acordo com o Parágrafo 1º: “A seleção dos candidatos às vagas disponibilizadas por meio do SiSU será efetuada com base nos resultados obtidos pelos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, a partir da edição referente ao ano de 2009” (BRASIL, 2010).

sobre ele a partir da situação-problema disposta na proposta. Por fim, o candidato ainda deve apresentar uma proposta de intervenção para esse problema, respeitando os Direitos Humanos – fator que diferencia a prova de redação do exame, dada essa obrigatoriedade.

Quanto à nota de redação, será composta a partir a avaliação de dois corretores, que terão como base os seguintes critérios:

Competência I: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa;

Competência II: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa;

Competência III: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;

Competência IV: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação;

Competência V: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos (BRASIL, 2019, p. 6).

Cada avaliador atribuirá uma nota entre 0 e 200 pontos para cada uma das cinco competências. A partir da soma dessas notas, obtém-se um resultado, que pode chegar a 1000 pontos. A nota final de cada participante será formulada a partir da média aritmética das notas totais atribuídas pelos avaliadores (BRASIL, 2019). Caso haja discrepância⁴ nas notas atribuídas pelos avaliadores, a redação será avaliada, de maneira independente, por um terceiro avaliador, que não tem acesso às notas anteriores, de modo que a nota final do aluno será composta pela média aritmética das duas notas que mais se aproximarem. Caso seja necessário, haverá uma quarta correção, composta por uma banca de professores.

O documento ainda destaca as razões pelas quais será atribuída a nota 0 à redação. Caso o texto apresente uma das características a seguir, automaticamente será zerada:

- fuga total ao tema;
- não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa;
- extensão total de até 7 linhas;
- cópia integral de texto(s) da Prova de Redação e/ou Caderno de Questões;
- impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação, em qualquer parte da folha de redação;
- números ou sinais gráficos fora do texto e sem função clara;
- parte deliberadamente desconectada do tema proposto;
- assinatura, nome, apelido, codinome ou rubrica fora do local

⁴ Considera-se discrepância quando as notas atribuídas pelos avaliadores diferirem, no valor final, por mais de 100 pontos ou, ainda, obtiverem diferença superior a 80 pontos em qualquer uma das cinco competências avaliadas (BRASIL, 2019).

- devidamente designado para a assinatura do participante;
- texto predominante ou integralmente em língua estrangeira; e
- folha de redação em branco, mesmo que haja texto escrito na folha de rascunho (BRASIL, 2019, p. 7-8).

A respeito dos critérios que fazem com que as redações sejam zeradas, todos são autoexplicativos, com exceção do seguinte trecho: “parte deliberadamente desconectada do texto proposto” (BRASIL, 2019, p. 7), o qual a cartilha dá especial atenção. Segundo o disposto, o candidato que incluir, em sua redação, trechos como:

[...] reflexões sobre o próprio processo de escrita, a prova ou seu próprio desempenho no exame, bilhetes destinados à banca avaliadora, por exemplo, mensagens políticas ou de protesto, orações, mensagens religiosas, frases desconectadas do corpo do texto, trechos de música, de hino, de poema de ou de qualquer texto, **desde que estejam desarticuladas da argumentação feita na redação** (BRASIL, 2019, p. 8, grifos no original).

Desarticuladas, nesse caso, diz respeito à inserção de partes que em nada se relacionem com os argumentos apresentados pelos candidatos, ou seja, que sejam inseridas de maneira proposital, pontual e desarticulada ao projeto de texto dos candidatos. O título é considerado um elemento opcional na redação do Enem, por isso, não é avaliado em nenhum aspecto relacionado às competências da matriz de referência.

Após apresentarmos um breve panorama do Enem e da prova de redação, a seguir, discutimos algumas diretrizes da Teoria Dialógica do Discurso.

A teoria dialógica do discurso: diretrizes para se analisar a competência V da prova de redação

A partir dos pressupostos do Círculo de Bakhtin, compreendemos que as relações existentes entre linguagem, língua e enunciado ocorrem a partir da sua natureza social e histórica, bem como do seu constante movimento para que a interação entre os sujeitos envolvidos na situação comunicativa seja efetivada. Volóchinov (2017) considera que a língua, que é uma das formas existentes de manifestação da linguagem, constrói-se a partir das relações que um sujeito estabelece com outro, levando-se em consideração uma necessidade real de dizer. Nesse sentido, a partir dessa necessidade, lançamos mão da língua para

concretizar aquilo que queremos, ou seja, de maneira falada ou escrita, adaptamos o nosso querer dizer à situação de uso em questão.

A linguagem, então, não corresponde a um sistema fixo, individual, desprovido de historicidade. Pelo contrário,

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-219, grifos do autor).

Nesse sentido, para o autor, a interação é compreendida como a base da língua, cujo uso ocorre a partir de enunciados. Assim sendo, a linguagem medeia nossas relações sociais e

[...] é condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; de que ela é ainda a mais usual forma de encontros, desencontros e confrontos de posições, porque é por ela que estas posições se tornam públicas [...] (GERALDI, 1997, p. 4-5, grifos no original).

Como indicado pelo pesquisador brasileiro, por meio da linguagem, podemos compreender e agir no mundo. Desde a tenra infância, a partir do contato com nossos familiares e outras pessoas, vamos sendo apresentados ao mundo, aprendemos palavras, conceitos, valores, modos de agir, que são determinados pelas condições sociais e históricas do contexto que nos situamos. Isso está em consonância como o que defende Bakhtin (1992):

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas **graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam** (BAKHTIN, 1992, p. 326, grifos nossos).

Segundo essa concepção, se a linguagem só existe por meio da interação verbal, a língua só existe em função do uso que os locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) fazem dela em situações de interação. Tanto Volóchinov (2017) quanto Bakhtin (1992) indicam que a linguagem e a língua são materializadas em enunciados concretos.

Para Bakhtin (1992),

Todo enunciado - desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro). O enunciado não é uma

unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou (BAKHTIN, 1992, p. 293).

Como base no exposto pelo filósofo russo, é possível compreendermos a noção de enunciado como uma unidade de comunicação que é necessariamente contextualizada e delimitada (pelo tempo, pelo espaço, pela posição dos sujeitos envolvidos na interação) e altamente imbricada em enunciados já produzidos por outros sujeitos, considerando que “[...] as unidades da comunicação discursiva – enunciados totais – são irreprodutíveis (ainda que se possa citá-las) e são ligadas entre si por relações dialógicas.” (BAKHTIN, 1992, p. 335). Ao interagirmos com outros, produzimos enunciados, os quais estabelecem relações com enunciados outros já existentes, pois “[...] alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado. Todo dado se transforma em criado.” (BAKHTIN, 1992, p. 326). Pensando na redação do Enem, por exemplo, ao produzir o seu texto dissertativo-argumentativo, o candidato deverá transformar o dado (a proposta de redação, os textos de apoio sugeridos para leitura, as suas experiências de mundo e as leituras feitas dentro e fora da escola) em algo novo, que atenda à proposta estabelecida.

Essa compreensão sinaliza a importância de compreendermos a linguagem e a língua em sua relação dialógica, haja vista que “[...] toda a vida da linguagem, seja qual for o seu emprego (por exemplo, a linguagem cotidiana, a prática, a científica e a artística), está impregnada de relações dialógicas.” (BAKHTIN, 2008[1963], p. 183). Nas palavras de Brait (2005), o dialogismo apresentado pelos teóricos do Círculo diz respeito:

Ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. E, nesse sentido, podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 2005, p. 95).

O conceito de dialogismo é central nas discussões do Círculo, pois se refere às relações que estabelecemos como o(s) outro(s) por meio dos enunciados produzidos. A dialogicidade de “todo dizer” pode ser compreendida em três dimensões diferentes, segundo Bakhtin:

- a) “*todo dizer não pode deixar de se orientar para o ‘já dito’*”, quer dizer, nenhum enunciado é neutro, já que são constituídos por enunciados alheios, e ainda, nenhum enunciado se constitui do nada, sendo assim, são uma réplica dos enunciados discursivos anteriores.
- b) “*todo dizer é orientado para uma resposta*”, ou seja, todo enunciado espera uma resposta a um enunciado posto.
- c) “*todo dizer é internamente dialogizado*”, pois se constitui de múltiplas vozes sociais, é heterogêneo (BAKHTIN, 1998, p. 276, grifos do autor).

Essas três dimensões apontadas pelo autor reafirmam que: (i) nossos enunciados são organizados a partir e em função de outros, com os quais dialogamos, reagimos e/ou confrontamos; (ii) que esse diálogo requer sempre um interlocutor para o qual endereçamos nosso dizer e do qual se espera uma resposta, um posicionamento; e (iii) que a dialogização é caracterizada pelas múltiplas vozes que permeiam a constituição discursiva, pois, conforme afirma Bakhtin,

Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, e vozes próximas que soam concomitantemente (BAKHTIN, 1998, p. 330).

Essas vozes/dizeres/discursos se mesclam às nossas palavras ao produzirmos nossos enunciados. Tal diálogo, muitas vezes imperceptível, é que faz com que nosso discurso seja heterogêneo e socialmente constituído.

Assim, as palavras – que são os elementos que fornecem sustentação à língua – são igualmente definidas dessa forma, ou seja, só terão significado se forem inseridas em um dado contexto social de uso, na interação entre os sujeitos. Volóchinov (2017) afirma que as palavras são signos sociais e ideológicos, tendo em vista que:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, grifos do autor).

Nesse sentido, a partir do que o autor defende, compreendemos que as palavras não pertencem somente ao sujeito, mas sim ao meio em que ele está inserido, ao seu contexto social. A palavra, então, constitui a língua nas suas mais diversas situações de interação, sendo “[...] *o fenômeno ideológico par excellence*”

(VOLÓCHINOV, 2017, p. 98, grifos do autor).

Logo, o tempo todo estamos em contato com o(s) outro(s), interagindo, concordando ou discordando, buscando respostas que só serão possíveis de serem respondidas dentro dessa situação comunicativa. E é aí que a interação se constrói, nessa necessidade de se obter uma resposta, uma confirmação ou uma refutação dos nossos enunciados, seja por parte dos nossos ouvintes ou interlocutores. Os enunciados possibilitam, portanto, que essa interação entre os sujeitos ocorra.

A partir das discussões feitas nesta seção, sobretudo, com base nos conceitos de linguagem, língua, enunciado e dialogismo, a seguir, voltamos nosso olhar para a Cartilha do Participante (BRASIL, 2019), a fim de analisarmos como esse documento oficial compreende a Competência V e como orienta a sua produção.

3 UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA CARTILHA DO PARTICIPANTE: A COMPETÊNCIA V

O presente artigo situa-se no campo epistemológico da Linguística Aplicada (LA, de ora em diante) que, conforme preceitua Moita Lopes (2006), tem como foco os estudos sobre questões de uso da linguagem. Vinculada ao campo da LA, a abordagem do nosso estudo é qualitativa-interpretativista, que tem como objeto de estudo aquilo que é possuidor de sentidos e significados, os quais podem variar a partir do contexto social, histórico e cultural em que está inserido (CHIZZOTTI, 2010). A sua relevância centra-se no fato de que, por meio dela, é possível realizar estudos e pesquisas das relações sociais, interpretando tanto a teoria que os embasam quanto os resultados obtidos. Realizamos, pois, a análise documental, haja vista que esse procedimento metodológico possibilita a identificação, em determinados documentos, de informações que possibilitem responder a perguntas de pesquisas previamente definidas.

A publicação “Redação no Enem - Cartilha do Participante” é um material elaborado pelo INEP e que, segundo o Portal do MEC, foi aprimorado para “tornar mais transparente a metodologia de avaliação da redação” do Enem (BRASIL, 2017, n/p), com instruções específicas sobre o que se espera dos candidatos na produção do texto, especialmente em cada uma das cinco competências avaliadas.

Sua primeira versão foi disponibilizada em 2012 e, desde então, é publicada anualmente, nos meses que antecedem a prova. Além das instruções, há um compilado de redações que obtiveram a nota máxima - com comentários do próprio INEP - e, ao final, instruções de como os participantes podem desenvolver o hábito da leitura.

Logo no início da cartilha, a Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB), por meio da referida cartilha, orienta os candidatos sobre a produção da redação, com o “caminho” que deve ser seguido desde a introdução até a conclusão para que a redação receba uma boa nota por parte dos corretores:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma **tese** - uma opinião a respeito do **tema** proposto -, apoiada em **argumentos** consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma **proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto** que respeite os direitos humanos (BRASIL, 2019, p. 5, grifos no original).

Essas determinações servem como orientação aos participantes que, como produtores de um texto dissertativo-argumentativo, precisam demonstrar conhecimento sobre o tema, argumentar sobre ele a partir da situação-problema disposta na proposta e, ainda, propor uma intervenção que respeite os Direitos Humanos. Escolhemos a cartilha pelo fato de que ela se constitui em um documento norteador sobre a prova de redação. Com base nisso realizamos alguns recortes de trechos que constituem a análise.

No excerto acima, observamos o caráter instrucional da Cartilha, que justamente por ser uma “cartilha” é construída majoritariamente por sequências injuntivas com o predomínio de uma estrutura imperativa, que denotam instruções ou ordens a serem seguidas (“A prova de redação exigirá”, “você deverá”, “Seu texto deverá”, “Você também deverá”) para que a produção de texto contemple os critérios de avaliação (“Os aspectos a serem avaliados...”). Assim, a Cartilha vai explicitando ao participante que mais do que produzir um texto, ele deve produzir conforme a banca orienta, isto é, exatamente da mesma forma e seguindo exatamente os “passos” elencados pela Cartilha (e mantidos na proposta

de redação, conforme abordamos na seção 3.4). Esse discurso de que o candidato deve seguir passos específicos para a escrita da redação do Enem se mantém no Manual de Correção (abordado na próxima seção) em que se instrui os avaliadores a aceitarem especificamente algumas construções e outras não.

No que diz respeito à Competência V, a Cartilha do Participante é muito enfática ao abordar a necessidade de se apresentar uma intervenção para o problema apresentado. Então, espera-se que os candidatos mobilizem os seus conhecimentos de mundo para uma apresentarem solução que, mesmo minimamente, possa resolver o problema suscitado. As provas do Enem, segundo a Cartilha,

[...] normalmente abordam temas complexos, muitas vezes problemas de difícil resolução, de ordem social, científica, cultural ou política. Por isso, você pode apresentar as mais diversas formas de intervenção, desde uma sugestão de combate até uma solução efetiva da questão em foco (BRASIL, 2019, p. 23, grifos nossos).

Sendo assim, a partir disso, compreende-se que o candidato, para resolver o problema, precisa articular os fenômenos linguísticos às condições sócio-históricas, inserindo em sua redação informações do mundo ao seu redor. Nota-se, então, que essa competência reflete a concepção de que o texto é um espaço de discussão, de reflexão e de apresentação de possíveis soluções, haja vista que, muito mais do que codificar palavras e orações, o candidato relaciona ideias e soluções que circulam socialmente, o que faz com que a escrita se caracterize como um ato social.

Para além dessa compreensão, notamos que a Cartilha do Participante estabelece relações dialógicas com outros discursos e enunciados. No caso da Competência V, em específico, percebemos um diálogo com o discurso do *protagonismo juvenil*. De acordo com Santos (2006), socióloga brasileira, um dos marcos desse discurso de que o jovem tem de assumir uma posição de protagonista nos problemas foi a ação da Organização das Nações Unidas (ONU) em declarar o ano de 1985 como o “Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento e Paz”. Para a autora, que analisou diversos documentos produzidos por instâncias internacionais (Organização das Nações Unidas -ONU, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura -UNESCO, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL) e nacionais

(governos federais, estaduais e municipais), mesmo que expressões como “protagonismo juvenil”, “ator social” não estejam explícitos nesses documentos, o discurso se faz presente. Conforme a sua argumentação, esse discurso refere-se “[...] àquele que trabalha pela consecução de objetivos pessoais numa dada conjuntura social e, por extensão, àquele que trabalha pela resolução de problemas que afetam a coletividade.” (SANTOS, 2006, p. 64). Assim, ao requerer que o estudante, um jovem que frequenta o EM, analise uma problemática social, assuma uma posição e elabore uma forma de resolvê-la, em outras palavras, pede-se que ele seja um protagonista.

Ademais, a pesquisadora argumenta que o pano de fundo desse discurso é a política neoliberal das agências governamentais internacionais e nacionais, que, preocupadas com a desestabilização social, fomentam a “participação” da juventude, como meio de evitar tal descontrole. Outro fato a se ressaltar é que a ideia de ação por parte dos jovens é um discurso, não dos jovens, mas dos adultos.

A noção de protagonismo dialoga com outro termo constante no documento. Ao orientar que o candidato elabore “[...] *uma proposta de intervenção na prova de redação do Enem*”, o aluno tem a oportunidade de demonstrar “*seu preparo para o **exercício da cidadania**, para atuar na realidade em consonância com os direitos humanos.*” (BRASIL, 2019, p. 23, destaques nossos). Inicialmente, destacamos que essa orientação nos permite pensar nas escolhas dos alunos: tanto das palavras quanto das marcações ideológicas existentes em seu dizer. É essencial que os candidatos estejam muito atentos às colocações que realizarem na prova, tendo em vista que é preciso que os Direitos Humanos não sejam infringidos. Então, esses precisam se posicionar, apresentar uma proposta de intervenção e, ainda, se responsabilizar pela escolha que realizarem, tanto lexical quanto ideológica. Não basta apenas resolver o problema, é preciso compreender os melhores caminhos que devem ser seguidos e que possibilitem a resolução e o respeito aos direitos humanos. Isso indica uma compreensão de linguagem e de língua carregadas de ideologia, já que “*A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano.*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 127, grifos do autor). Assim, para não ferir os direitos humanos, o aluno precisa reconhecer a carga ideológica das palavras que usamos,

com o intuito de não denegrir a dignidade humana e reconhecer e valorizar as diferenças e as diversidades existentes.

Outra expressão em destaque é “*exercício da cidadania*”. Ao usá-la, a Cartilha dialoga com o disposto no Art. 205, da Constituição Federal de 1988: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, *seu preparo para o exercício da cidadania* e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p. 94, grifo nosso).

Para Santos (2006), a noção de cidadania dialoga com o discurso do protagonismo juvenil, ao designar que cidadania refere-se à capacidade “[...] de encontrar soluções concretas para problemas imediatos.” (SANTOS, 2006, p. 222). Em diálogo com isso, o Plano Nacional da Juventude, por exemplo, prevê o “[...] desenvolvimento da cidadania e organização juvenil [...] estimular, em qualquer área de atuação, a participação ativa dos jovens em benefício próprio, de suas comunidades, cidades, regiões e do País.” (BRASIL, 2004). Como se vê, há uma ênfase no fato de que os jovens têm de participar de moto ativo na sociedade, e podem fazer isso exercendo sua cidadania, isto é, apresentando soluções aos problemas sociais, como requerido pela Competência V da redação do Enem.

A cartilha orienta ao candidato:

[...] os seus conhecimentos desenvolvidos ao longo de sua formação para a produção de um texto no qual, além de se posicionar de maneira crítica e argumentar a favor de um ponto de vista, você possa indicar uma iniciativa que interfira no problema discutido em sua redação (BRASIL, 2019, p. 23, grifos nossos).

Ao dar tal instrução, exige-se do candidato o seu posicionamento efetivo como cidadão participativo da sociedade, o que vem de encontro ao que está disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), uma vez que o referido documento assegura que o Ensino Médio é a preparação básica para a cidadania, ou seja, existe o desenvolvimento, mas ainda não é o completo. Isso pode ser observado no Artigo 35: “II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (BRASIL, 1996, p. 14). Além disso, ainda há menção ao fato de que ser cidadão é ser autônomo para ter certas decisões, e que essa autonomia só é possível de ser

alcançada com estudos universitários, sem contar, inclusive, com o fato de que a vivência social e as experiências adquiridas são fulcrais para que a atitude cidadã seja aprimorada.

Outro termo que ressaltamos das orientações direcionadas ao participante é que ele deve “*se posicionar de maneira crítica*” (BRASIL, 2019, p. 23, grifos nossos). A palavra “crítica” é oriunda do termo grego *crinein*, que significa separar e julgar. Por essa definição, bastaria dizer que uma pessoa crítica é aquela que separa o objeto a ser apreciado e lança sobre ele um determinado juízo de valor, isto é, um julgamento. É extremamente relevante destacar a importância da postura crítica para a vida social. São as posturas críticas que provocam o nascimento e a evolução das diferentes concepções de mundo e de homem ao longo da história da humanidade, concepções que, por sua vez, incidem diretamente nas relações que os homens estabeleciam entre si e com a natureza. As diferentes visões do campo filosófico, por exemplo, o humanismo, ceticismo, estruturalismo, formalismo, fenomenologia, teoria crítica, entre outras que se desmembraram de concepções basilares do racionalismo, do empirismo e do interacionismo, estabeleceram-se a partir da leitura crítica que os homens faziam acerca da teoria filosófica que até então lhes serviam para responder às suas questões existenciais (PINTO, 1991). Nesse processo de questionamento, os sujeitos críticos não somente questionam as ideias de seu tempo, mas também contribuem decisivamente para que novas ideias deem novos contornos ao mundo e estabeleçam novas relações entre os homens.

Se, conforme indicou Santos (2006), na década de 1980, visualizou-se uma profusão do termo “protagonismo juvenil”, a partir da mesma época, começamos a notar uma circulação mais intensa do apelo ao “posicionamento crítico” dos discentes. Isso ocorre porque, a partir dessa década, as práticas escolares passaram a receber contribuições de diversas áreas, impactando o modo como se via os alunos e o processo de ensino e aprendizagem. No que diz respeito à disciplina de Língua Portuguesa, em particular, a partir dos avanços das ciências linguísticas - a Linguística, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso -, áreas reunidas sob o rótulo da Linguística da Enunciação (MORATO, 2004), surgiram novas concepções de linguagem, de língua, de oralidade, de escrita, de texto e de discurso, reconfigurando, portanto, o “objeto”

da aprendizagem de LP e, conseqüentemente, o “processo” dessa aprendizagem e desse ensino (SOARES, 1999).

Com essas contribuições, não havia mais espaço na escola para um ensino bancário (FREIRE, 2005), em que o professor, detentor do saber, “depositava” conhecimentos na mente dos alunos, que, passivamente, decoravam e memorizavam normas e regras. Os alunos passaram de uma posição passiva para alguém que ativamente, juntamente como o professor, produzem conhecimento, requerendo-se desses discentes um posicionamento crítico, haja vista que os usos que fazemos da língua estão repletos de ideologia e de sentidos.

Os documentos parametrizadores de ensino passaram também a articular esses discursos às orientações destinadas aos professores. Por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental (EF), um dos objetivos desta etapa de escolarização é “[...] *posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.*” (BRASIL, 1998, p. 55, grifos nossos). Já nos PCN para o EM, o foco prioritário é “[...] a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do *pensamento crítico.*” (BRASIL, 2000, p. 14). Como observamos, tanto no EF quanto no EM, espera-se que os alunos desenvolvam seu pensamento crítico, que será observado por meio de seus posicionamentos críticos, materializados tanto na oralidade quanto na escrita, a exemplo da redação do Enem.

Por fim, a Cartilha ainda reitera:

Para construir uma proposta muito bem elaborada, você deve não apenas propor uma ação interventiva, mas também o ator social competente para executá-la, de acordo com o âmbito da ação escolhida: individual, familiar, comunitário, social, político, governamental e mundial. Além disso, você deve determinar o meio de execução da ação e o seu efeito ou finalidade, bem como algum outro detalhamento (BRASIL, 2019, p. 24).

O que se visualiza, nesse trecho, é que essa Competência V procura avaliar a capacidade do candidato se enxergar como um cidadão que faz parte de uma sociedade multicultural e multiétnica, que compreende os princípios fundamentais da dignidade da pessoa humana. Ainda, que consegue olhar no meio em que está inserido e que, a partir dos atores sociais escolhidos, consiga apresentar uma solução para o problema destacado, de modo a promover o bem de todos, sem

preconceitos de origem, de raça, de cor, de sexo, de idade ou qualquer outra forma de discriminação existente. Assim, muito mais do que resolver o problema de maneira criativa, efetiva e viável, o candidato precisa demonstrar engajamento social e respeito aos valores humanos. O termo “cidadania”, por exemplo, nos PCN do EM (BRASIL, 2000) aparece mais de 50 vezes ao longo do documento, e a palavra “cidadão” mais de 10, mostrando que o discurso do protagonismo juvenil observado no campo político foi incorporado ao discurso pedagógico, seja dos PCN, seja da Matriz de Referência do Enem.

As proposições para se elaborar a Competência V da redação do Enem – *Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos* – estabelecem relações dialógicas com outros discursos e enunciados, sobretudo, os que circulam em documentos produzidos por instâncias governamentais, que destacam o protagonismo jovem e o apelo ao exercício da cidadania. Para Santos (2006), tem-se apresentado o “[...] *protagonismo juvenil* como um método de educação para a cidadania que supõe a “atuação prática” dos jovens na busca de soluções para os problemas sociais.” (SANTOS, 2006, p. 251-252, destaques da autora). Motivada por políticas neoliberais, esse método estaria ligado ao desenvolvimento de habilidades e de competências (SANTOS, 2006), discurso que tem sido amplamente marcado na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), atual documento parametrizador de ensino, qual seja: desenvolver habilidades e competências voltadas para o mercado de trabalho. Então, o ensino de Língua Portuguesa não teria como foco formar leitores e produtores de textos críticos e responsivos, mas preparar os jovens para exercerem seu protagonismo vendendo sua força de trabalho, e que precisam ter habilidades e competências específicas para fazê-lo.

Considerações Finais

Nosso objetivo com esse texto foi analisar a Cartilha do Participante, documento elaborado pelo MEC para os estudantes que fazem a redação do Enem. Para tanto, apresentamos informações sobre o Enem, a prova de redação e a Competência V. Posteriormente, ressaltamos conceitos da Teoria Dialógica do Discurso, a fim de termos diretrizes para analisar as relações dialógicas presentes

no documento em destaque.

Como destacado ao longo deste texto, a Cartilha do Participante, mormente por meio da Competência V – *Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos* –, dialoga com o discurso do protagonismo juvenil, que apela aos estudantes brasileiros que exerçam sua cidadania por meio da redação, momento em que vão elaborar uma proposta de intervenção social, para resolver ou propor soluções a problemas da sociedade canarina.

Tal discurso está em consonância com as políticas públicas em educação formuladas no Brasil, embasadas em uma política neoliberal, cujo foco é preparar os alunos para o mercado de trabalho.

Essa análise, ainda que não aprofundada e exaustiva, é importante para que nós, professores, tomemos os objetos de ensino presentes no universo escolar de maneira crítica, a fim de não perpetuarmos discursos e práticas doentes que não favorecem a formação efetivamente crítica e responsiva dos estudantes.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Formoni Bernardini *et al.* 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares**

Nacionais Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão Especial de Políticas Públicas para a Juventude. **Projeto de Lei n. 4.530/2004.** Brasília: Câmara dos Deputados, 2004. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=271233>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nota de aprovação da matriz de referência do Enem 2009.** Brasília, 2009a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/nota_consed_novoem.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2019:** cartilha do participante. Brasília, 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. *In:* MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 311- 351.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 7. ed. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1991.

SANTOS, R. M. de. **O discurso do protagonismo juvenil.** 2006. 350 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. *In:* ZACOUR, E. (org.) **A magia da linguagem.** 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999, p. 49-73.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Submetido em 14 de setembro de 2022.

Aceito em 21 de dezembro de 2022.

BREVE HISTORIOGRAFIA DOS ESTUDOS SEMIÓTICOS DA GESTUALIDADE NO BRASIL

BRIEF HISTORIOGRAPHY OF SEMIOTIC STUDIES OF GESTUALITY IN BRAZIL

Suelismar Mariano Florêncio¹
Rubens Rosa Júnior²
Sebastião Elias Milani³

Resumo: Neste trabalho é apresentada uma narrativa historiográfica sobre a recepção do conceito de gestualidade pela semiótica de linha francesa, no Brasil. O objetivo é compreender como se deu a periodização deste conceito no país considerando cada uma de suas manifestações sugeridas por Greimas e Courtés (1979) — *textos gestuais, sistema de signos e linguagem somática*. Apesar de ter sido um estudo inicial, os resultados apontam que pouco foi, até então, publicado a respeito do conceito de gestualidade, devido a fatores internos e externos, o que não impediu, contudo, seu reconhecimento em âmbito nacional como uma semiótica linguística competente para se manifestar enquanto texto. Isto evidencia, por sua vez, os diversos grupos de trabalho que tem sido desenvolvidos e ampliados em torno da temática, podendo resultar, não agora, mas, muito em breve, em um grupo de especialidade para o estudo do texto sinalizado a partir do escopo da semiótica de linha francesa.

Palavras-chave: gestualidade; semiótica; linguagem gestual; comunicação gestual; representação gestual.

Abstract: This work presents a historiographical narrative about the reception of the concept of gestuality by French semiotics in Brazil. The objective is to understand how the periodization of this concept took place in the country, considering each of its manifestations suggested by Greimas and Courtés (1979) — *gestural texts, sign system and somatic language*. Despite being an initial study, the results indicate that little has been published about the concept of gestuality, due to internal and external factors, which did not, however, prevent its recognition at the national level as a competent linguistic semiotics. to manifest as text. This evidence, in turn, the different working groups that have been developed and expanded around the theme, which may result, not now, but very soon, in a specialist group for the study of the signalled text from the scope of the French semiotics.

Keywords: gesture; semiotics; sign language; gestural communication; gestural representation.

¹ Mestrando no programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6554788235138337>. ORCID: 0000-0002-6409-454X. E-mail: suelismar.florencio@discente.ufg.br

² Mestrando no programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6554788235138337>. ORCID: 0000-0002-6409-454X. E-mail: suelismar.florencio@discente.ufg.br.

³ Professor titular da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Semiótica e Linguística pela Universidade de São Paulo. E-mail: sebas@ufg.br. ORCID: 0000-0001-9411-6028.

Introdução

O conceito de gestualidade foi introduzido da semiótica de linha francesa “progressivamente e de maneira incerta” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 236), porém, isso não impediu o seu reconhecimento como uma semiótica linguística competente para se manifestar enquanto texto (Idem, p. 503-504), o que possibilitou o desenvolvimento de pesquisas — inclusive no Brasil — a respeito dos vários aspectos que, segundo Greimas (Idem, p. 236), ela pode assumir. Em um momento de retomada do interesse da teoria greimasiana pelo plano de expressão, pesquisas a respeito de uma semiótica da gestualidade podem, em muito, contribuir para a ampliação da compreensão das discussões em torno dos desafios colocados pela linguagem específica de cada texto (MOREIRA, 2016, p. 23).

Assim, pela perspectiva da Historiografia Linguística, pretendemos compreender, como foi a recepção do conceito de gestualidade no Brasil, como ele foi percebido pelos semioticistas daqui e de que maneira foi divulgado no país, além de inquirirmos se tais produções resultaram em novas práticas de pesquisa, por meio da análise das dimensões/parâmetros externos e internos (ALTMAN, 2019, p. 31), a exemplo do que fez Almeida (2010).

Para tanto, dividimos este trabalho em seis principais seções. Dada esta introdução, primeira parte, retomamos a literatura da Historiografia Linguística, além de recuperarmos como se deu a introdução do conceito de “gestualidade” na Semiótica greimasiana e as fases de seu desenvolvimento no escopo da teoria, a seguir. Na terceira parte, descrevemos nossas escolhas metodológicas, para, na quarta parte, apresentarmos os nossos resultados. Na quinta parte, analisamos o material documental que nos serviu de *corpus* de aplicação. Por fim, na última seção, concluímos com nossas considerações.

Pensamos que esta breve narrativa historiográfica pode contribuir para uma visão geral de como o conceito de gestualidade vem sendo investigado pelos semioticistas do Brasil, o que ajuda a delinear as práticas acadêmicas atualmente em voga e as eventuais lacunas que solicitam de nossa pesquisa *stricto sensu*, atualmente em desenvolvimento, maior aplicação.

A semiótica greimasiana e os estudos sobre a gestualidade

A semiótica de linha francesa, que tem Algirdas Julien Greimas como seu fundador, se desenvolve em torno do problema da significação. Greimas, ao propor a sua *Sémantique Structurale: recherche de méthode* (1966), visava "refletir acerca das condições pelas quais [fosse] possível um estudo científico da significação" (GREIMAS, 1973, p. 14) em um modelo teórico gerativo, à medida que concebia "o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto", sintagmático "porque seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos", e geral "porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação" (FIORIN, 1999, p. 180). Assim, Greimas, compreendendo o texto como resultado da semiose (cf. GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 447-448) entre um plano de expressão e um plano de conteúdo, postula que

O conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, uma vez que o mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão (por exemplo, uma negativa pode ser manifestada pela palavra não ou por um gesto da cabeça ou do indicador). É, por conseguinte, uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, *visualmente, por uma combinação de planos de expressão visual e verbal etc.* (FIORIN, 1999, p. 180, destaque nosso).

Essa tomada de decisão de deixar para um segundo momento a análise do plano de expressão, em prol de uma análise imanente do texto (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 300) — consequência direta do pensamento Hjelmsleviano a respeito da forma semiótica e fundamento epistemológico da autonomia da Semântica (Idem, p. 96) — não deixou de trazer grandes consequências para o estudo das condições semióticas da "gestualidade".

Os primeiros estudos das línguas de sinais pela semiótica de linha francesa claudicaram. A dificuldade em se pensar a gestualidade enquanto sistema de signos estava na impossibilidade em constituir uma fonologia visual e, portanto, um plano de expressão que fosse autônomo. Assim, os primeiros analistas viram-se obrigados a aceitar o discurso gestual, segundo a terminologia de Hjelmslev, como um sistema simbólico e não linguístico. Entretanto, isto não impediu que a gestualidade, dentro da teoria semiótica, fosse entendida enquanto discurso gestual que pode se realizar de dois tipos: "gestualidade de comunicação direta" e "gestualidade de transposição" (GREIMAS, 1979, p. 40-43).

O primeiro tipo, a gestualidade de comunicação direta, está mais ligado às línguas de sinais que, até então, tinham seu estatuto de línguas naturais ainda por ser reconhecido. Tal gestualidade seria realizada por uma semiótica própria da relação entre significante e significado e poderia ainda ser distinguida entre “gestualidade atributiva” ou “gestualidade lúdica”, a depender de sua função ser a de formar novos enunciados ou modular enunciados já existentes (GREIMAS, 1979, p. 40). O segundo tipo de gestualidade, o de transposição, tem relação com os gestos que acompanham a comunicação verbal, e, portanto, o seu uso está mais destinado a ser suporte da comunicação entre ouvintes, prioritariamente.

Vejamus que a história do conceito de gestualidade na semiótica acompanha os cinco grandes momentos pelos quais passou a disciplina, conforme podemos conferir, de maneira concisa, abaixo:

1ª FASE — A obra *Sémantique Structurale: recherche de méthode* é publicada em 1966, estabelecendo dos primeiros pressupostos da teoria que, neste momento, vai se voltar para o estudo o plano de conteúdo e o seu percurso gerativo de sentido. O foco principal será “os simulacros da ação do homem no mundo presentes nas narrativas” (FIORIN, 1999, p. 191). O capítulo quinto desta obra, intitulado *Le niveau semiologie* traz importantes considerações sobre o conceito de “linguagem gestual”, preparando terreno para uma segunda publicação também importante desta fase, *Du sens* (1970), cujo capítulo *Conditions d'une sémiotique du monde naturel* propõe que a “gestualidade” seja concebida como uma dimensão semiótica da cultura. Nesta mesma época, uma edição nº 10 da revista *Langages* (1968), organizada em conjunto por Greimas e seus discípulos denominada *Pratiques et langages gestuels*, além de retomar o artigo *Conditions d'une sémiotique du monde naturel* (1968), aborda vários pontos concernentes à “gestualidade” em suas múltiplas manifestações, consagrando-se como a primeira publicação voltada especificamente para o tema.

2ª FASE — A semiótica passa a se interessar pelas modalizações do sujeito que age, questionando-se sobre o que o motiva a realizar transformações. A obra que mais desponta deste período é o artigo *Pour une théorie des modalités* (1976) publicado na revista *Langages*, nº 43. Porém, será o *Sémiotique: Dictionnaire*

raisonné de la théorie du langage (1979) que, pela primeira vez, trará a definição do termo “gestualidade”, apresentando-a sob três aspectos diferentes: a gestualidade como um “sistema de signos”, como “textos gestuais” e como uma “linguagem somática”. Esta é a definição que norteia as escolhas metodológicas deste trabalho.

3ª FASE — A teoria, até então voltada para as questões da narratividade, passa a se preocupar com os estados de alma, ou seja, as modalizações do ser. Logo após a publicação de *Du sens II: essais sémiotiques* (1980), obra de destaque desta fase, Greimas escreve o artigo *Sémiotique figurative et sémiotique plastique* (1984), cuja intenção era ser uma introdução aos estudos semissimbólicos de Jean-Marie Floch, e que traz em sua estrutura considerações a respeito da gestualidade natural e das línguas de sinais. Por sua vez, Floch em seu *Petites Mythologies de l'œil et de l'esprit: Pour une sémiotique plastique* (1985) apresentará, já em seu primeiro capítulo, as dificuldades inerentes à análise semiótica do texto gestual.

4ª FASE — Fase em que se estudará as paixões, aspecto em crescente interesse desde a fase anterior, enquanto arranjo de modalidades que alteram o sujeito de estado. A publicação, em 1991, de *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme* por J. Fontanille e A. J. Greimas confirma a tendência, cada vez mais evidente, da teoria em destacar o papel do corpo em movimento.

5ª FASE — A atual fase da semiótica, que não conta com a presença congregadora de Greimas devido a sua morte em 1992, é caracterizada pela maturidade dos estudos quanto ao plano de conteúdo o que possibilita o “exame do além e do aquém do percurso” gerativo do sentido (FIORIN, 1999, p. 201) e o reexame dos próprios princípios metodológicos da disciplina. Apesar da proliferação de diversas vertentes teóricas, uma das características mais importantes deste momento é a retomada do interesse pelas especificidades advindas da expressão, como, por exemplo, a homologação da gestualidade às demais linguagens (SANTOS; MOREIRA, 2018, pp. 242-267).

Portanto, nota-se que o conceito de gestualidade esteve presente desde o discurso fundador da semiótica até os seus mais recentes desdobramentos, apesar de, muitas vezes, de maneira incerta e não definitiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 236). Resta-nos compreender como foi a sua recepção e desenvolvimento no Brasil.

Metodologia

Considerando seu ainda pouco desenvolvimento [como constataremos abaixo] e a necessidade de entender com mais profundidade como se deu a periodização dos estudos greimasianos sobre a gestualidade no Brasil, esta análise documental opta por uma abordagem qualitativa de propósito exploratório com o interesse de proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e utilizando-o como base para construir hipóteses a serem respondidas em nossa pesquisa *stricto sensu* que vem sendo desenvolvida.

Seleção de dados

Com o objetivo de compreender qual a recepção, periodização e disseminação do conceito de gestualidade no Brasil, optamos por selecionar como materiais de análise Traduções, Artigos de Periódicos, Teses e Dissertações, além de Livros/Capítulos de livros de obras brasileiras cujo conteúdo fosse voltado para a semiótica de linha francesa.

Os Artigos de Periódicos foram selecionados a partir da busca no portal Periódicos da CAPES. No que concerne à produção científica de Programas de Pós-Graduação, realizamos a busca no portal Catálogo de Teses e Dissertações CAPES⁴. As buscas foram realizadas durante o mês de julho de 2022, considerando as palavras-chave "gestualidade" AND "semiótica" NOT "Peirce", filtrando por tipo de recurso (artigos, dissertações ou teses) e retirando da busca os resultados encontrados em coleções de países específicos (SciELO Colombia, SciELO Chile, SciELO Argentina, SciELO México), e ainda excluindo revistas de países outros da América Latina (*Nueva Revista De Filología Hispanica*, *Revista De Filología Y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*).

⁴ As buscas podem ser retomadas respectivamente em <https://capes-primo.ez1.periodicos.capes.gov.br> e <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>.

Como critério de exclusão, utilizamos o local de publicação, visto que nosso interesse está para os estudos publicados em território nacional, e depois, a língua, considerando haver obras em língua portuguesa, não publicados no Brasil, mas com ampla distribuição no país.

A busca por outra das nossas fontes, os Livros ou Capítulos de Livros traduzidos e/ou publicados em âmbito nacional, foi realizada a partir do catálogo digital do sistema de bibliotecas da Universidade de São Paulo denominado *Dedalus* – Catálogo Coletivo das Bibliotecas da USP – SIBiUSP. A escolha por este acervo de justifica por esta universidade ser o principal polo disseminador da teoria semiótica no país, atualmente.

Tomamos como horizonte de retrospectiva em nossa narrativa historiográfica o recorte temporal compreendido entre os anos de 1975-2022, certos de que, em linha com Almeida (2010, p. 5), apesar de parecer que “o período selecionado seja muito curto e muito “novo’ para ser historiografado”, necessário é

Lembrar que não é preciso esperar 200 anos para que as proposições e os textos [...] sejam lidos pelo historiógrafo, e incluídos na sua reflexão sobre história do(s) objeto(s) e do(s) método(s) linguísticos. Os jovens pesquisadores do grupo de historiografia também precisam [...] não perder de vista a perspectiva contemporânea do(s) objeto(s) da sua reflexão (ALTMAN, 2001, p.4 *apud* BATISTA, 2007, p. 65).

A escolha do ano de 1975 se dá por ter sido o ano de publicação no Brasil da obra “Sobre o sentido”, de Algirdas Julian Greimas, na qual, o capítulo “Condições para uma semiótica do mundo natural” assume estatuto de primeira publicação no Brasil a respeito do estudo semiótico de linha francesa da gestualidade.

Análise de dados

Nosso interesse primeiro foi buscar por fontes consideradas seminais, ou seja, textos/livros que tratam sobre a gestualidade no Brasil. A seguir, direcionamo-nos para publicações brasileiras que, de alguma maneira, desenvolveram o conceito em apreciação de acordo com a entrada gestualidade no “Dicionário de semiótica”, conforme destacamos a seguir:

Alguns estudiosos quiseram tratar a gestualidade como uma linguagem, aplicando-lhe a fórmula saussuriana de “**sistema de signos**” [...] Um outro enfoque da gestualidade consiste em partir não mais dos gestos considerados como signos, mas de **textos gestuais** (danças folclóricas, balés, números de acrobacia, pantomima etc.). [...] [no entanto] a

gestualidade não se limita mais aos gestos das mãos e dos braços ou à expressão do rosto, mas faz parte integrante do comportamento somático do homem e não constitui, enfim, senão um dos aspectos do que se poderia chamar sua **linguagem somática**. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pp. 236–237, grifos nossos)

Resultados

Assim, o quadro abaixo mostra quais foram as Traduções consideradas para este trabalho:

Quadro 1 – Traduções de textos que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano do original	Autor	Título original	Ano de tradução	Título em português	Tradutor	Tipo
1966	Algirdas Julien Greimas	<i>Semântica estrutural</i>	1973	Semântica estrutural	Hakira Osakabe; Izidoro Blikstein	Livro
1970	Algirdas Julien Greimas	<i>Du Sens</i>	1975	Sobre o sentido	Ana Cristina Cruz César	Livro
1968	Algirdas Julien Greimas	<i>Langages: pratiques et langages gestuels</i>	1979	Práticas e linguagens gestuais ⁵	Manuela Torres	Livro
1984	Algirdas Julien Greimas	<i>Sémiotique figurative et sémiotique plastique</i>	1984	Semiótica figurativa e semiótica plástica	Ignacio Assis da Silva	Artigo na revista <i>Significação</i>
1986	Algirdas Julien Greimas; Joseph Courtés	<i>Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie</i>	1986	Dicionário de Semiótica	Vários tradutores	Capítulo de livro
1987	Algirdas Julien Greimas	<i>De l'Imperfection</i>	2002	Da imperfeição	Ana Cláudia de Oliveira	Livro
2004	Jacques Fontanille	<i>La sémiotique du corps : entre psychanalyse, phénoménologie et Anthropologie</i>	2004	A semiótica do corpo: entre psicanálise, fenomenologia e antropologia	Vários tradutores	Capítulo de Livro
2011	Jacques Fontanille	<i>Corps et sens</i>	2016	Corpo e sentido	Fernanda Massi; Adail	Livro

⁵ Resultado de um número da Revista *Langages* (nº 10, juin 1968), esta obra não foi publicada no Brasil, mas em Portugal (Lisboa: Editorial Veja). Entretanto, resolvemos incluí-la nesta relação por ter sido publicada em idioma português e ainda porque suas edições tiveram ampla distribuição dentro da comunidade acadêmica que se interessa por semiótica francesa.

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 9).

No que diz respeito aos artigos, foram selecionadas, sem levar em consideração o “fator de impacto”⁶ de seus periódicos, 17 publicações. O quadro abaixo mostra quais são elas:

Quadro 2 – Artigos selecionados que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Periódico	Ano	Volume/nº	Autor	Título
Revista eletrônica dos Hispanistas do Brasil	2001	2/7	Suely Reis Pinheiro	“Carlitos: o gestual no neopícaro”
Alfa	2004	48/2	Loredana Limoli	“Figurativização do espaço em ‘O búfalo’, de Clarice Lispector”
Alfa	2009	53/2	José Roberto do Carmo Júnior	“A enunciação musical em duas interpretações de um prelúdio de Chopin”
Comunicação, Mídia e Consumo	2009	6/17	Ana Claudia de Oliveira; Cintia San Martin Fernandes e outros	“A construção do corpo feminino na mídia semanal”
Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda	2010	48/3	Ruben Dargã Holdorf	“O sentido das mãos no futebol: figuratividade política e social”
Cadernos de Semiótica Aplicada	2011	8/2	Diana Luz Pessoa de Barros	“Os Sentidos da Gestualidade: Transposição E Representação Gestual”
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia	2011	4/1	Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz	“A dança em cena: do palco à tela do computador: uma análise semiótica”
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia	2014	7/1	Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz	“O semissymbolismo na dança”
Estudos Semióticos	2017	13/2	Ivan Darrault-Harris	“A psicosemiótica: um desejo inalcançável de Greimas”
Estudos Semióticos	2018	14/1	Norma Discini	“O estilo e o ator da enunciação: Greimas na contemporaneidade”
Estudos Semióticos	2019	48/3	Daniel Carmona Leite	“Protagonismo juvenil e práticas semióticas: exame de algumas propostas”

⁶ Fator de impacto é um método bibliométrico para avaliar a importância de periódicos científicos em suas respectivas áreas, criado por Eugene Garfield e utilizado atualmente pela maioria das bases e repositórios de dados acadêmicos (MARZIALE; MENDES, 2002, p. 5 passim).

Revista Vórtex	2019	7/1	Caio Victor de Oliveira Lemos	“Performance musical como discurso: Proposta de análise”
Estudos Semióticos	2019	15/1	Gustavo Bonin	“Modos de contato na música cênica contemporânea”
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros	2020	76/1	Gustavo Bonin	“Obras brasileiras de música cênica contemporânea”
Estudos Semióticos	2020	16/2	Gustavo Bonin	“Gradação tensiva na música cênica contemporânea: estilos e pontos de vista”
Revista Humanidades & Inovação	2021	8/37	Andréa dos Guimarães de Carvalho; Thiago Barbosa Soares	“Poesias e discursos em LIBRAS: reflexões sobre definições, critérios e descrições linguísticas a luz da semiótica em interface com a análise do discurso”
Revista criação & crítica	2022	31/31	William Teixeira; Juliana Araújo Gomes e outros	“Subindo o Morro Velho: notas para preparação de uma performance”

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 6-9).

Quanto a produção científica de Programas de Pós-Graduação no país, foram selecionadas 5 dissertações de Mestrado e 6 teses de Doutorado, que são apresentados nos quadros abaixo:

Quadro 3 – Dissertações de Mestrado que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano	Autor	Título	Orientador	Local
1987	Luiz Gonzaga Marchezan	Aspectos da festa: considerações sobre o sentido da festa do Kuarup e do carnaval	Dante Tringali	UNESP
1992	Denise Abdulmassih Gorab Leme	Semiótica do gesto	-	PUC-SP
2004	Mariana de Rosa Trotta	O discurso da dança: uma perspectiva semiótica	Diana Luz Pessoa de Barros	USP
2009	Rosane Schmitz Fernandes	Revista O Cruzeiro: Alceu Penna e os figurinos de moda	Ana Claudia Mei Alves de Oliveira	PUC-SP
2011	Alpha Condeixa Simonetti	Palavra dramática: voz e tensividade	Luiz Augusto de Moraes Tatit	USP

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 10).

Quadro 4 – Teses de Doutorado que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano	Autor	Título	Orientador	Local
2003	Pierre Normando Gomes-da-Silva	O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da	Katia Brandão Cavalcanti	UFRN

corporeidade				
2006	Marlene Ramires Francois	Ciranda de arte: leitura de textos/obras tridimensionais da artista Katsuko Nakano	Analice Dutra Pillar	UFRGS
2007	Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza	Imagem e texto : uma experiência de leitura e produção de texto com alunos do ensino médio	Loredana Limoli	UEL
2016	Alpha Condeixa Simonetti	Distâncias e vínculos: a linguagem gestual no teatro do grupo Lume segundo uma abordagem semiótica	Waldir Beividas	USP
2016	Renata Lúcia Moreira	Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo	Diana Luz Pessoa de Barros	USP
2020	Alexandre Provin Sbabo	Um percurso diacrônico sobre as articulações entre ética e estética na semiótica de A. J. Greimas	Ana Claudia Mei Alves de Oliveira	PUC-SP

Fonte: Adaptado de Almeida (2010, p. 11).

Os Livros ou Capítulos de Livros publicados em âmbito nacional recuperados foram relacionados a partir das seguintes obras:

Quadro 5 – Publicações nacionais que (em maior ou menor grau) tratam sobre a gestualidade

Ano do Publicação	Autor	Título em português	Tipo
1998	Luiz Tatit	Manifestação das categorias temporais	Capítulo de Livro
2000	Dino Del Pino	Semiótica: olhares	Livro
2017	Evani de Carvalho Viotti	Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação	Livro
2018	Carlos Vinicius Veneziani dos Santos e Renata Lúcia Moreira	O papel do gesto na construção do plano da expressão da performance musical da canção “Intimidade”, de Zélia Duncan e Christiaan Oyens	Capítulo de Livro
2019	Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz	Nos Passos da Semiótica: Um Diálogo Entre a Dança e a Escola de Paris	Livro
2020	Mônica Fagundes Dantas	Dança, o Enigma do Movimento	Livro

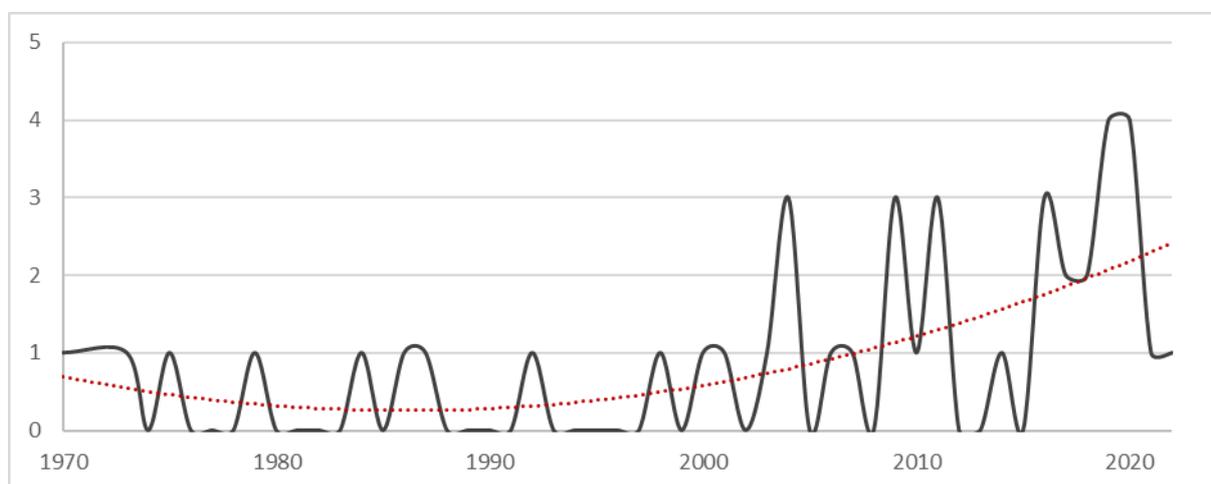
Fonte: Elaboração dos autores (2022)

A seguir, discutiremos a respeito do material apresentado acima, considerando os parâmetros de dimensão interna e externa, conforme delineamos acima.

Estudos semióticos sobre a gestualidade no Brasil

O material apresentado, anteriormente, indica que, no Brasil, após as primeiras publicações relacionadas ao conceito em apreço, datadas de meados dos anos 1970-80, pouco se produziu nos anos subsequentes. Entretanto, isso parece mudar após os anos 2000, como demonstra o gráfico abaixo:

Figura 1. Periodicidade de publicações sobre a gestualidade no âmbito da semiótica francesa no Brasil



Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Alguns fatores concorrem para esta crescente que revelam, talvez, uma mudança de perspectiva. Vejamos.

Dimensões/parâmetros externos

Um primeiro fator que contribui diretamente para o aumento de periodização observado é a imensa midiatização presente na sociedade do século XXI, consequência direta da globalização, que “materializa’ textos por meio de diferentes expressões e substâncias, o que acaba por atrair ainda mais atenção para a compreensão e estruturação do plano da expressão” (CASTRO; PORTELA, 2018, p. 2).

Entretanto, o que mais parece ser relevante é o fato de que, durante boa parte do século XX, o caráter linguístico da linguagem gestual ter sido amplamente questionado.

A dificuldade estava "na *aparente* impossibilidade de segmentação do texto gestual em sintagmas que carregam significação" (FLOCH, 1985, p. 25, tradução nossa). Não somente no âmbito da semiótica, isso trouxe consequências. Como exemplo, podemos citar o reconhecimento do estatuto de língua natural das línguas de sinais de que tardou quase todo o século passado e só ocorreu a partir das pesquisas de Stokoe (1960), mas que, no Brasil, só teve aparato legal a partir da Lei 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão no país. Demoras, como essa, retardaram as pesquisas de cunho semiótico a respeito da língua de sinais — e da gestualidade, como um todo — e a consequente elaboração de periódicos ou eventos especializados em "semiótica da gestualidade", e, portanto, a sua institucionalização, um dos fatores cruciais para sua ampla distribuição no país.

Dimensões/parâmetros internos

Por outro lado, o estudo da "gestualidade", apesar de presente dentro da teoria semiótica greimasiana, claudicou desde os seus primórdios (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 236) e "*aparenta* estar, já há algum tempo, 'em pane'" (ZILBERBERG, 2006, p. 197). Isso revela a importância da escolha metodológica realizada por Greimas de concentrar-se, em primeiro momento, no desenvolvimento da metodologia geral do plano do conteúdo. Passada a época marcada pelas contribuições de Algirdas Julien Greimas juntamente com os semioticistas que mais se interessaram pelo visual, nomeadamente Felix Thürlemann e Jean-Marie Floch, cuja obra, aliás, foi pouco traduzida para o português, os estudos relacionados ao plano de expressão praticamente desapareceram, para serem retomados somente após a morte de Greimas em 1993.

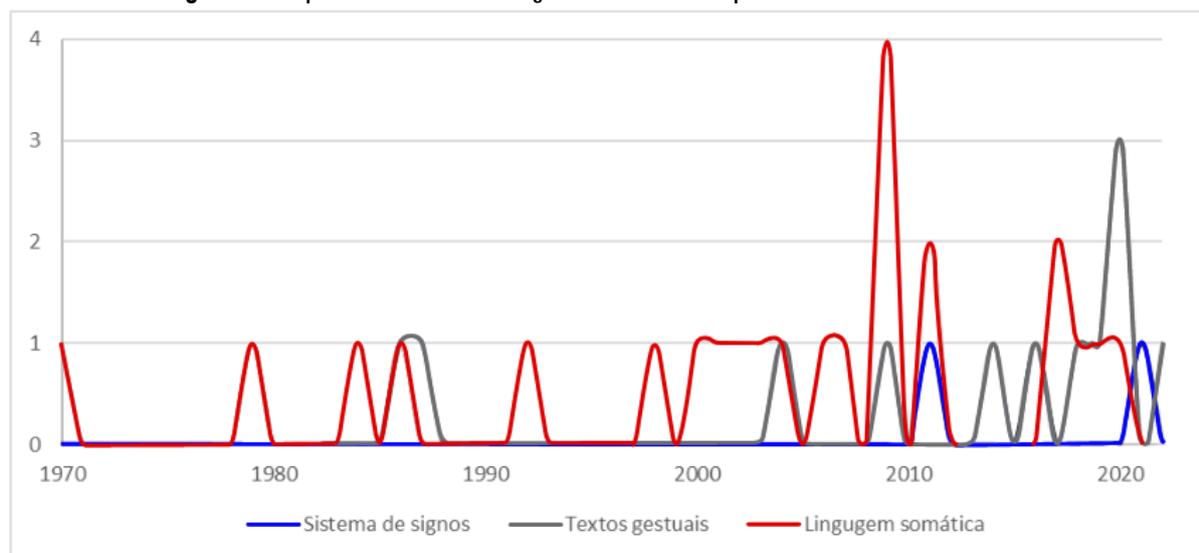
Antes deste período, do que foi traduzido para a língua portuguesa, destaca-se a obra resultante da edição nº 10 da revista *Langages* (1968), publicada em Portugal, conforme indicamos acima (vide nota 2), com o título "Práticas e linguagens gestuais" (1979) e que se constitui como uma organização de uma série de artigos que versam sobre o tema. Entre estes artigos está o de Julia Kristeva (1979, p. 70) que retoma como o pensamento grego deu primazia ao som como cúmplice da ideia e, portanto, como modo superior de se fazer literatura, filosofia e ciência (atividades próprias da inteligência), em detrimento da gestualidade, vista como "mecânica e redundante em relação a voz". Segundo a autora, este pressuposto só foi alterado a partir dos estudos

sobre o sistema de trocas de Karl Marx. A autora parte daí para realizar um levantamento bibliográfico dos estudos linguísticos que até ao seu tempo trataram do comportamento corporal como código particular, que acabaram por resultar na quinésica americana, representada por autores como Blomfield, Sapir e Birdwhistell, entre outros. O estudo de Kristeva tem relevância por ser o primeiro da escola semiótica de linha francesa a ponderar a respeito dos estudos de Stokoe sobre as línguas de sinais, pesquisas estas basilares da atual linguística das línguas de sinais conforme a conhecemos. Para Kristeva, é preciso “axiomatizar a gestualidade enquanto texto semiótico em processo de produção” para que se possa compreender a sua elaboração (KRISTEVA, p. 86-92), ponto importante para os interesses de nossa pesquisa atual.

Entendemos que essa escolha inicial de se priorizar o plano de conteúdo tem uma importância dentro do quadro geral do conceito de “gestualidade” na teoria semiótica. Ela foi necessária para que o projeto teórico de Greimas aprendesse, sob a inspiração de Hjelmslev, a lidar com unidades — categorias sêmicas e fêmicas — menores que os signos. Dependentes de um ou de outro plano da linguagem, mas não dos dois ao mesmo tempo, como no caso dos signos saussurianos, tais unidades não corresponderiam mais, portanto, à Semiologia de Saussure, o que acaba por se tornar fundamental para a Semântica pretendida por Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 96). Porém, por outro lado, determinou-se, assim, certamente, as publicações no Brasil a respeito da gestualidade.

A semiótica greimasiana da gestualidade no Brasil atualmente

Ainda podemos perceber no material apresentado que a literatura sobre estudos semióticos a respeito da gestualidade no Brasil, na atualidade, pode ser dividida em três grupos diferentes, em consonância com os três aspectos pontuados por Greimas e Courtés no Dicionário (2008, p. 236-237): a gestualidade como um sistema de signos — tal como as línguas de sinais, por exemplo —, como textos gestuais — no que se refere a sua manifestação em espetáculos de caráter cênico — e como uma linguagem somática — definida como a “substância gestual” que é o corpo como “volume em movimento”, em suma, a gesticulação cotidiana. Estes dados são demonstrados no gráfico abaixo:

Figura 2. Grupos de estudos sobre a gestualidade no escopo da semiótica de linha francesa.

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Assim, nota-se a preferência dos estudos semióticos pela linguagem somática e pelos textos gestuais, em detrimento de pesquisas dos processos gestuais enquanto sistema de signos, o que pode ser sintoma de uma carência de investigação nesta área. Entretanto, esforços têm sido empenhados nesse sentido. Após a morte de Greimas, pode-se destacar, do pouco desenvolvido até o momento a respeito da gestualidade enquanto sistema de signos, em língua portuguesa, o trabalho de da autora brasileira Renata Lúcia Moreira, tese de doutoramento denominada “Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo” (2016). Este trabalho colocou em evidência os aspectos semióticos relacionados ao discurso em língua brasileira de sinais, apesar de não ter abordado, especificamente, a respeito dos constituintes do plano de expressão, fator que consideramos crucial para que se apreenda as especificidades da produção de sentido nesta língua.

Considerações finais

Os estudos a respeito da comunicação gestual parecem ter tido seu lugar de cogitação no âmbito da semiótica de linha francesa, desde os primórdios de seu projeto teórico, entretanto, nota-se que no Brasil pouco foi até então publicado a respeito, devido a fatores internos à teoria, tal como a escolha por manter entre parênteses a linguagem específica de cada texto, e externos, relacionados ao reconhecimento da gestualidade no âmbito da Linguística.

Aos pesquisadores da semiótica de linha francesa no Brasil, este trabalho contribui no sentido de indicar um campo de estudo que solicita, já há algum tempo, maior atenção e desenvolvimento. Com a recente retomada dos estudos semióticos voltados às preocupações com a homologação entre plano de expressão e plano de conteúdo, para centrar-se no denominado percurso gerativo do sentido deste último, tomando como base principalmente a análise de textos da modalidade verbo-visual, acreditamos, em linha com (LOPES; SOUZA, 2019), que o foco em elementos de expressão inerentes à constituição da significação, tais como a gestualidade, pode ser, enfim, priorizado, como já vem ocorrendo com pesquisas relacionadas à dança, teatro, da gesticulação cotidiana, e, mesmo que em menos frequência, das línguas sinalizadas, o que acaba por se constituir como sugestão de prioridade em nossa pesquisa *stricto sensu*, atualmente em desenvolvimento.

No que diz respeito às contribuições práticas, consideramos que o avanço semiótico do conceito da gestualidade pode contribuir com diferentes públicos e segmentos da sociedade (grupos artísticos ligados à dança, teatro e à música, à comunidade surda, ao meio corporativo, e aos professores e à educação). Isso porque, ampliando a compreensão global da significação inerente aos processos gestuais presentes em suas diferentes atividades cotidianas (espetáculos e apresentações cênicas, comunicação sinalizada, gestão de pessoas, didática, para citar algumas delas) é possível deles tirar maior aproveitamento.

Nosso esforço em considerar a periodização dos estudos semióticos da gestualidade em âmbito nacional acaba por constituir uma certa limitação deste trabalho visto que, apesar do Brasil ser um importante polo dos estudos greimasianos, o centro produtor da teoria continua localizado na França, o que justifica o fato de muito do desenvolvimento do conceito em análise poder estar por lá mais bem desenvolvido do que no Brasil. Portanto, a pesquisa atual não responde o atual desenvolvimento do conceito de gestualidade no âmbito geral da teoria semiótica, análise que solicita ainda mais leituras, além de maior tempo e espaço, em pesquisa futura. Outro ponto de interesse para pesquisas no porvir é a especificidade do estatuto semiótico de cada manifestação da gestualidade (sistema de signos, linguagem somática e textos gestuais) parece ainda pouco desenvolvida, podendo ainda ser ampliada, revisada e desenvolvida.

Referências

ALMEIDA, Dayane Celestino de. **A vertente tensiva da semiótica greimasiana no Brasil**: breve estudo historiográfico. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 7, n. 2, 2010.

ALTMAN, Cristina. A ciência, a história da ciência e o seu ensino. **Confluência**, p. 233–257, jun. 2021.

BASTOS, Neusa Barbosa. O fazer historiográfico: dimensões/ parâmetros externos e internos. In: BATISTA, R. DE O.; BASTOS, N. B.(Org.). **Questões em historiografia da linguística [recurso eletrônico]**: homenagem a Cristina Altman. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 97–116.

BATISTA, Ronaldo Oliveira. **A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967-1983)**: um estudo historiográfico. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

COELHO, Olga *et al.* Historiografia linguística. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Org.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico. Campinas: Mercado das Letras, 2012. p. 381–407.

COELHO, Olga; NÓBREGA, Rogério Ferreira de *et al.* A Técnica de Mapeamento de Produção Linguística: Exemplificação em um Estudo de Caso. In: COELHO, Olga (Org.). **Fontes para a Historiografia Linguística**: Caminhos para a Pesquisa Documental. Campinas: Pontes, 2021. p. 13–28.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. 1, 1999.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites Mythologies d’oil et de l’spirit**: pour une sémiotique plastique. Paris: Actes Semiotiques, 1985.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens II**: Essais Sémiotiques. Paris: Seuil, 1980.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique structurale**: recherche de méthode. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. **Actes Sémiotiques**, v. 6, n. 60, p. 1–24, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Sémiotique des passions**: des états de choses aux états d’âme. Paris: Seuil, 1991.

GREIMAS, Algirdas Julien; KRISTEVA, Julia *et al* (dir.). Pratiques et langages gestuels. **Langages**, v. 3, n. 10, 1968.

GREIMAS, Algirdas Julien; KRISTEVA, Julia *et al* (dir.). **Práticas e linguagens gestuais**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Vega, 1979.

KOENER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**, v. 2, p. 45-70, 1996.

LOPES, Ivã Carlos; SOUZA, Paula Martins de. **Estudos Semióticos do plano da expressão**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.

MILANI, Sebastião Elias. **Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure**. Goiânia: Kelps, 2011.

MARZIALE, Maria Helena Palucci; MENDES, Isabel Amélia Costa. O fator de impacto das publicações científicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n. 4, 2002.

MOREIRA, Renata Lúcia. **Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo**. 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS, Carlos Vinicius Veneziani dos; MOREIRA, Renata Lúcia. O papel do gesto na construção do plano da expressão da performance musical da canção "Intimidade", de Zélia Duncan e Christiaan Oyen. *In*: LOPES, I. C.; SOUZA, P. M. DE (Org.). **Estudos semióticos do plano da expressão**. São Paulo: FFLCH/USP, 2018.

STOKOE, William. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistics**, n. 8, 1960.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, p. 39-59, 2014.

Submetido em 16 de novembro de 2022.

Aceito em 28 de dezembro de 2022.

A MERCANTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM PRESENTE NO RITUAL DE CULTO AO *K-POP*: TENSÕES ENTRE IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM

LANGUAGE COMMODIFICATION PRESENTS IN THE PROCESS OF *K-POP* CULT: TENSIONS AMONG LANGUAGE IDEOLOGIES

Jaqueline Mayumi Ikeda Loureiro¹

Resumo: Considerando a expansão da cultura coreana no Brasil, com ela, o *K-Pop* e seu *fandom*, este texto tem por objetivos: a) trazer reflexões em torno da crescente procura pela aprendizagem da língua coreana que, dentre os componentes de *marketing*, se tornou um produto de comercialização entre os fãs de música pop coreana; b) discutir de que forma se desdobra esse processo levando em consideração as ideologias da linguagem (MOITA LOPES, 2013) e a mercantilização da linguagem (HELLER; DUCHÊNE, 2012). Para isso, realizaram-se reflexões em torno de um conjunto de códigos de culto dos fãs a grupos e ídolos do *K-Pop*, por meio de um estudo feito por Palha (2021), para compor a análise, juntamente a recortes de fala de fãs de uma nova pesquisa, no que diz respeito ao ensino de língua coreana. Por fim, conclui-se que há crenças ideológicas relacionadas ao nacionalismo, mas também ideologias da linguagem do capitalismo recente em que a língua se tornou uma mercadoria, uma vez que fãs a enxergam como forma de consumo para um objetivo específico.

Palavras-chave: culto; ideologias da linguagem; mercantilização da linguagem.

Abstract: Pondering the expansion of Korean culture in Brazil, K-Pop and its fandom, this text aims to: a) bring reflections around the growing demand for learning the Korean language, among the marketing components, the language has become a marketing product; b) discuss how this process unfolds, taking into account the ideologies of language (MOITA LOPES, 2013) and the commodification of language (HELLER; DUCHÊNE, 2012). In this research, as a basis for reflection, a set of cult codes of fans of K-Pop groups and idols was presented, based on a Palha (2021) studies. The analysis was based on clippings of fan speech about why learn Korean. In the research results, it was possible to conclude there are ideological beliefs related to nationalism, but also language ideologies of recent capitalism in which language has become a commodity, since fans see it as a form of consumption for a specific purpose.

Keywords: cult; language ideologies; language commodification.

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá - UEM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2626516301844503>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0341-1230>. E-mail: jaqueline.loureiro95@gmail.com

Introdução

A onda coreana, conhecida por *Hallyu*², é considerada um fenômeno global responsável por exportar a cultura coreana para outros países. Entre essas produções culturais, estão a música pop, cinema, televisão, dança, moda, cosméticos, videogames e alimentos. Toda essa repercussão foi possível devido a uma política de desenvolvimento econômico atrelada a componentes de *marketing*, em que constructos culturais, inclusive a língua, foram utilizados para colocar a Coreia do Sul em um contexto global, promovendo, portanto, o turismo e o consumo de produtos por outros países (WALSH, 2014).

Esse fenômeno ocorre em decorrência de uma mudança nas dinâmicas globais que promoveu a globalização, em que é possível notar o deslocamento dos centros culturais ocidentais, que antes eram centrais, dando visibilidade a outras culturas, como a coreana.

Com a Web 2.0, ou seja, a era dos serviços na internet, em meados de 2004, a cultura coreana conseguiu se difundir globalmente. Naquela época, os consumidores conseguiam uma maior interação por meio das mídias sociais (*Youtube*, *Twitter* e *Facebook*), deste modo, era possível cada vez mais acesso a produtos coreanos, como: músicas, filmes e programas de televisão (JUNG; SHIM, 2014). Desde então, conforme Cruz, Seo e Binay (2019), a música pop coreana, o *K-Pop* (*Korean pop music*), apresenta-se como o produto de maior exportação do país, que ficou conhecido, mundialmente, por ter um modelo de negócios de sucesso em que a política econômica foi de encontro com a era do neoliberalismo.

O *K-Pop*, antes da Web 2.0, já era conhecido entre os países da Ásia, mas, por conta da tecnologia, surgiram, então, fãs de diversas nacionalidades que interagiam entre si e com os seus ídolos. Logo, os fãs foram e são a chave do mercado do entretenimento, eles são pessoas que se reconhecem e se identificam com seu ídolo.

Ao olhar para o Brasil, de acordo com Palha (2021), ele se destaca por ser um país na América Latina em que o fenômeno do *K-Pop* emergiu, transformando vários jovens em fãs desse gênero musical, mesmo a cultura coreana não sendo tão conhecida entre os latinos. Essa popularização foi possível por intermédio das práticas do *fandom*

² 한류 em coreano.

(*fan+kingdom*, em português, reino dos fãs) digital, que hoje é reconhecido como *fandom* transcultural. Ainda, conforme o mesmo autor, os fãs brasileiros de *K-Pop* não se interessam apenas em consumir determinado produto cultural, mas fazer parte da cultura coreana por meio da adoção de práticas culturais em seu cotidiano, como aprender a língua e adotar comportamentos em suas rotinas.

Em dezembro de 2020, a plataforma de ensino de idiomas “Duolingo” publicou, em seu relatório anual, o Duolingo Language Report, que a língua coreana foi o segundo idioma que mais cresceu no Brasil, assim como em outros países, que está em sétimo lugar nos idiomas mais estudados no mundo.

Neste enquadramento, este texto tem por objetivos: a) trazer reflexões em torno da crescente procura pela aprendizagem da língua coreana que, dentre os componentes de *marketing*, se tornou um produto de comercialização entre os fãs de música pop coreana; b) discutir de que forma se desdobra esse processo, levando em consideração as ideologias da linguagem e a mercantilização da linguagem.

Ideologias da linguagem

Conforme Moita Lopes (2013), a língua seria um projeto discursivo orientado por meio de ideologias, e não de um determinado fato estabelecido definitivamente, como o de uma língua propriamente dita que deveria ter limites e ser puramente constituída por componentes estruturais sonoros, gramaticais e de vocabulário. Para o autor, o simples ato de pronunciar palavras no mundo já seria realizado a partir de uma posição particular, gerando, com isso, efeitos de sentido específicos, onde nos posicionamos social e ideologicamente.

Ainda conforme o autor, as ideologias da linguagem seriam crenças e sentimentos sobre as línguas e o seu uso no mundo:

[...] compreensões de como a linguagem ou línguas específicas têm sido ou são entendidas com base em como são situadas em certas práticas sócio-históricas, inclusive aquelas visões elaboradas por pesquisadores e teóricos da linguagem, derivadas do espírito intelectual ou da perspectiva epistemológica de seu tempo (MOITA LOPES, 2013, p. 22).

Kroskrity (2004) traz a noção de ideologia da linguagem como um conceito que considera dimensões convergentes: 1) representam uma percepção da linguagem e do

discurso como produto dos interesses de um grupo cultural ou social específico (ideologia da norma culta da língua); 2) são múltiplas em decorrência da pluralidade dentro de grupos socioculturais, de divisões sociais relevantes que têm o potencial de produzir perspectivas divergentes expressas como índices de pertencimento ao grupo; 3) podem ser exibidas por membros de um grupo em diferentes graus de consciência sobre as ideologias linguísticas locais (rituais religiosos e dos tribunais); 4) funcionam como mediadoras entre as estruturas sociais e usos da linguagem; 5) são usadas na construção de identidades culturais e nacionais, tais como nacionalidade e etnia.

Para complementar a discussão de tal conceito, Gal e Irvine (2019) trazem questões iniciais para refletirmos sobre as afirmações acerca da linguagem. Primeiramente, essas afirmações nunca são apenas sobre a linguagem. As suas afirmações vão além de formas somente linguísticas. Assim como as declarações sobre linguagem que também não são meras declarações. Eles implicam posições ideológicas que se tornam evidentes em vários locais da vida social, muitas vezes, de forma contraditória, e elas têm consequências abrangentes no mundo material. Para exemplificar, as autoras dizem que os signos comunicativos que as pessoas usam estão engajados em questões sociais, motivando-as e, às vezes, transformando suas atividades, e não apenas sendo comentários sobre elas.

Gal e Irvine (2019), em seu texto, mencionam que as ideologias não são nem verdadeiras e nem falsas. Elas estão posicionadas em visões parciais do mundo e funcionam por meio de relações, as quais envolvem comparação e perspectiva. As visões ideologizadas, convencidamente, tornam as diferenças características, sejam linguísticas, ou não, resultando em imagens culturais, construção de estereótipos, por exemplo, entre outros.

Para exemplificar a discussão, as autoras mencionam que, muitas vezes, pessoas alegam que uma linguagem pode refletir o caráter de seu falante, no caso, se for o idioma nacional, revela o caráter nacional. Diante disso, outra implicação surge, o de uma nação ser distinta de outras nações em caráter e em uso linguístico (GAL; IRVINE, 2019). Acho que poderia explicar um pouco mais esse ponto.

As autoras partem do pressuposto de que ideologia, portanto, faz parte de uma rede de ideias e práticas interpretativistas. Elas defendem que as ideologias são, então, visões de mundo que são parciais, por estarem incompletas, porque outra pessoa, vendo o mundo de um ponto de vista diferente, veria uma imagem diferente; e no sentido de

interesse político e jurídico de uma parte interessada. Conseqüentemente, elas são “atravessadas por questões políticas e morais presentes no campo sociolinguístico particular e são sujeitas aos interesses da posição social dos portadores dessas ideologias” (GAL, 2000, p. 35).

Além disso, Irvine e Gal (2000, p. 37) mencionam que há processos pelos quais “as pessoas constroem representações ideológicas das diferenças linguísticas”, sendo assim esses processos procuram informar a construção de ideologias, ou seja, a linguagem mostraria de onde elas vêm e de que maneira elas podem ser descritas.

Em seus estudos, as autoras destacam três processos na diferenciação linguística, sendo: 1) iconização: características linguísticas que indexam grupos ou atividades sociais que parecem ser representações icônicas deles; 2) recursividade fractal: processo pelo qual “uma oposição, saliente em algum nível de relação, [é projetada] em algum outro nível; 3) apagamento: processo que “torna algumas pessoas e atividades (ou fenômenos sociolinguísticos) invisíveis” (IRVINE; GAL, 2000, p. 37-38).

Como exemplo de que maneira operam a iconização, a recursividade fractal e o apagamento, temos as ideologias monolinguísticas e as crenças de padronização da língua. Essas ideologias são as principais responsáveis pela defesa de que o monolinguismo é uma condição normal e ideal e que a linguagem padrão é a “língua desejável” e que oferecerá benefícios econômicos e sociais. Desta forma, o processo da padronização institucionaliza uma série de posturas avaliativas com relação às práticas de variação em oposição à norma padrão. A língua, ou norma padrão, constitui-se ideologicamente por intermédio de um processo de padronização sociocultural e sociolinguística, a qual considera codificação e institucionalização das normas linguísticas e culturais legitimadas por uma elite.

Isto posto, a projeção das ideologias não envolve somente o modo de falar e escrever corretamente, mas diversos outros comportamentos que indicam padrões de raça, gênero e classe. Conforme Bauman e Briggs (2003), os modos de falar e escrever fazem classes sociais, sexos, raças e nações parecerem reais, além disso, permitem extrair sentimentos e justificar relações de poder, fazendo com que subalternos pareçam falar de modo que necessitem de sua subordinação. Resumindo, as ideologias da linguagem juntamente às práticas discursivas operam relações de poder existentes na sociedade. Os regimes:

[...] invocam a exposição da dominação política em todas as suas muitas formas, incluindo o que Gramsci (1971) distinguiu como a força coerciva do Estado e a influência hegemônica da cultura da sociedade civil endossada pelo Estado (KROSKRITY, 2000, p. 03).

Portanto, tais regimes fazem parte de duas esferas sociais, a política e a linguagem. As ideologias de linguagem são institucionalizadas, grande parte, pelo Estado, pois ele é responsável pela criação e manutenção do Estado-nação, da identidade nacional, étnica, entre outras. Ainda sobre os regimes, eles possuem um papel fundamental na classificação das variedades linguísticas e nas línguas, já que algumas se tornam aceitáveis e oficiais, e outras como ilegítimas e intoleráveis. A oposição existente entre variedades linguísticas e línguas também é ideológica, já que sua oposição é criada como “tradicional” que se sustenta por ideologias de monolinguismo e de língua padrão.

Mercantilização da linguagem

Heller (2003), uma estudiosa do campo da Sociolinguística Crítica, pesquisa que, no Brasil, são realizadas em Linguística Aplicada, discute, em seu texto “Globalization, the new economy, and the commodification of language and identity”, observações etnográficas ao redor da linguagem e as formas do nacionalismo presentes no Canadá francófono. Nessa pesquisa, foi possível observar que a linguagem estava sendo mobilizada simbolicamente, não apenas como um marcador étnico-nacional, mas como um recurso econômico para trocas de mercado. Esse processo de transformação, entre recursos linguísticos e econômicos, a autora conceitua como “mercantilização da linguagem”.

A linguagem, nas condições atuais de economia política, é mobilizada como mercadoria, para agregar valor a produtos, estabelecimentos comerciais, pessoas, até como atributos (autêntico e exótico) e como uma habilidade técnica (*softskill*). Esses são os dois processos de mercantilização da linguagem descritos por Heller e Duchêne (2016).

Nos campos contemporâneos da ação humana, como no turismo, no ensino de línguas e no marketing, a linguagem assume novo papel nas condições recentes da economia política do capitalismo tardio.

[...] ainda que a linguagem tenha sempre feito parte de sistemas complexos de trocas entre recursos simbólicos e materiais, com valores diferentes dependendo das condições sócio-históricas do mercado, as condições do capitalismo tardio ampliam a mercantilização da linguagem de maneiras a torná-la disponível para trabalhos que não tinha que fazer antes (HELLER; DUCHÊNE, 2016, p. 140).

Portanto, a mercantilização da linguagem faz com que a linguagem seja colocada, hoje em dia, cada vez mais como uma mercadoria que pode agregar valor simbólico a produtos, empresas, eventos etc. Além disso, ela é mercantilizada como uma habilidade para acesso ao mercado transnacional.

Heller e Duchêne (2012) apresentam dois discursos sobre a linguagem no capitalismo recente: discursos de *pride* (orgulho) e discursos de *profit* (lucro). Os discursos de *pride* abrangem práticas e ideologias de lógica nacionalista, discursos de direitos linguísticos, linguagem como patrimônio e como marcador identitário. O discurso de *profit* é colocado como o modo discursivo mais e menos estável interligado às condições de economia política do capitalismo tardio em conjunto com as ideologias de linguagem, as quais consideram os repertórios multilíngues e a linguagem como valor agregado (*softskill*).

Esta discussão é relevante para este texto por trazer noções discursivas de *pride* e *profit* como instrumentos interpretativos para investigar mobilizações econômicas de linguagem presentes no culto ao *K-Pop*.

Popularidade transnacional: *Hallyu*, a onda coreana

Para compreendermos a onda coreana, serão apresentados os percursos desse fenômeno. Divide-se, portanto, a *Hallyu* em dois grandes períodos, sendo: 1º) dos anos 1990 a 2008, sobressaiam-se os *doramas* (novela coreana) que alcançaram países da Ásia, vizinhos à Coreia do Sul; 2º) o período atual em que se consideram outros tipos de “produtos” culturais, como a música pop coreana (*K-Pop*) que chegou ao ocidente (JIN, 2016).

No primeiro período, o processo comunicacional de consumo internacional se estabeleceu de forma contínua e progressiva, de modo que a cultura coreana passou a influenciar a cultura de países asiáticos, entre eles, China, Japão e Indonésia.

No segundo período, com a internet, filmes, jogos, novelas, roupas e cosméticos saíram do continente asiático e atingiram outros continentes. Todo esse processo

ocorreu devido à Web 2.0 e às políticas e práticas que foram desenvolvidas para impulsionar a produção cultural sul-coreana e, principalmente, para a sua exportação e popularização internacional. Para incrementar a economia, a intenção do governo e dos empresários era transformar a cultura sul-coreana em um produto voltado para os mercados externos. Graças à possibilidade de processos globais por conta da digitalização, e pirataria, a *Hallyu* encontra-se em um segundo momento, focando na inserção da cultura popular sul-coreana, por meio do *K-Pop*, ao redor do mundo (PALHA, 2021).

Como mencionado anteriormente, o *K-Pop* se popularizou com o advento da “Web 2.0” e os fãs conseguiram interagir entre si e com seus ídolos, participando de *fandoms* relacionados a um entretenimento (grupo musical, personagens de filmes e doramas, entre outros) com que se identificavam.

Fandom transcultural

O significado da palavra fã é derivado do termo em latim *fanaticus*, que etimologicamente seria “devoto, pertencente a um templo”. Os fãs são considerados indivíduos que criam laços e desenvolvem afetividade a um determinado objeto cultural que se encontra imerso a uma subcultura de consumo. Há aqueles que criam uma relação especial por ídolos, grupos, marcas e/ou produtos e que se unem a outros fãs, os quais possuem os mesmos gostos pelo “produto” cultural escolhido, a partir disso, agregam-se em comunidades *offline* e *on-line* chamadas “Fandom” (KOZINETS, 2001, *apud* PALHA, 2021).

O encontro dos fãs, devido ao avanço da tecnologia, acontece *on-line*, o que possibilita também uma ampliação da comunidade. Os fãs brasileiros de *K-Pop*, por exemplo, constituem parte da parcela do *fandom* latino-americano que se interessam por assistir a shows de seus artistas favoritos ao vivo. Essa prática relacionada ao *Fandom* faz com que os fãs brasileiros aprendam palavras, expressões, adotem comportamentos, programas e rotinas que possam fazer deles verdadeiros fãs. Esse comportamento é denominado *fandom* transcultural.

Em um estudo recente realizado por Palha (2021), o pesquisador buscou compreender como se dá a aculturação de consumo de fãs brasileiros de *K-Pop*. Para ele, *fandom* transcultural:

É denominado [...] pelo poder que estes *fandoms* têm de se apropriar de um produto que é produzido em outra cultura e reapropriado em outro país, ou seja, é aquele cujas práticas atravessam fronteiras quando culturas populares interagem entre si, independente de diferenças ou semelhanças, mas por conta de afinidades entre os fãs e o objeto de fanidade/transcultural (PALHA, 2021, p. 28).

Na análise, que tinha como objetivo interpretar o processo de aculturação de consumo de *K-Pop*, onde os fãs foram identificados como prossumidores por conta das suas práticas performáticas, produtivas e difusoras relativas à cultura pop coreana e seus textos midiáticos, resultou-se que, entre os *fandoms* culturais, têm-se os fãs que praticam o chamado culto ao *K-Pop*. Nesse caso, o fã busca conhecer todas as atividades pessoais, sociais e profissionais de seus ídolos ou grupos favoritos. Os fãs que se enquadram nesse culto, envolvem-se de um modo pessoal e emocional com o objeto, além de criar performances baseadas em seus ídolos. No *fandom*, os fãs brasileiros se destacam por fazerem parte dos fãs de culto.

Palha (2021) identificou 10 códigos, que podemos enxergar como práticas, para compor o repertório dos fãs de culto do *K-Pop*, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Fãs de culto ao *K-Pop*

Culto ao <i>K-Pop</i>
1º Acompanhar a formação de novos grupos. 2º Assistir as apresentações de dança dos ídolos. 3º Acompanhar o desenvolvimento artístico dos ídolos. 4º Imitar a indumentária dos ídolos. 5º Assistir à atuação dos ídolos. 6º Conhecer a história dos ídolos. 7º Conhecer novos grupos de <i>K-Pop</i> . 8º Acompanhar a vida dos ídolos. 9º Frequentar locais famosos para o <i>K-Pop</i> . 10º Idealizar laços afetivos com os ídolos.

Fonte: adaptado de Palha (2021, p. 54-69).

O primeiro código diz respeito aos grupos que são formados a partir de *reality shows* que apresentam uma competição em que ídolos competem entre si para ver quem irá debutar no mercado. O segundo código está relacionado aos *reality shows* em que esses *trainees* (em processo) mostram as suas habilidades na dança. O terceiro código menciona o fato de o fã ter que assistir a esses programas que são criados para apresentar as performances dos *trainees* (são colocados desafios para eles serem selecionados e eliminados), os quais serão selecionados para debutar em um grupo

desse programa. O quarto código está relacionado às vestimentas dos ídolos, em que esses fãs buscam utilizar roupas que pareçam com as roupas utilizadas por esses artistas. Os ídolos do *K-Pop*, muitas vezes, participam de vários programas. E o quinto código diz respeito aos fãs assistirem à atuação desses artistas. Conhecer a história dos seus ídolos faz parte do sexto código, os fãs precisam saber como seu ídolo ficou famoso, nesse caso, muitos artistas coreanos fazem parte de novelas coreanas (*doramas*) para promover o seu grupo, por exemplo. Por meio dos programas em que os fãs acompanham os seus ídolos, é possível conhecer novos grupos, tornando o processo parte do sétimo código. No oitavo código, como mencionado anteriormente, esses programas e *doramas* fazem com que os fãs consigam acompanhar os seus ídolos, fazendo-os sentirem-se mais próximos de seus artistas e integrados às suas vidas. A nona prática diz respeito aos fãs frequentarem lugares famosos para promover o *K-Pop*, como as agências produtoras de música coreana, os programas televisivos que os artistas frequentam. O décimo código refere-se aos laços que esses fãs criam com os seus ídolos.

A partir desse conjunto dos dez códigos, os fãs de *K-Pop* relatam a necessidade, algo frisado principalmente no décimo código do culto ao pop coreano, de mobilizar recursos linguísticos e culturais presentes na língua coreana para conseguir criar laços afetivos e imergir na cultura do país de seus ídolos. Os sujeitos, os fãs, mobilizam repertórios para um fim específico, que seria o propósito de cumprir o ritual de culto ao *K-Pop* e se legitimar como um “verdadeiro fã”.

Esse trabalho de Palha (2021), como mencionado, traz um estudo sobre a aculturação de consumo de fãs brasileiros de *K-Pop* e, a partir disso, o autor apresenta relatos de fãs que atuam no ritual de cultuação do mesmo, vejamos:

Quadro 2: A língua coreana no processo de culto à música pop coreana

Recortes de fala	Depoimentos
R1	<i>Aprender a língua coreana é uma coisa que muita gente procura não só por interesse na cultura, mas porque muitas vezes eles estão em algum show, em alguma coisa, aí eles agradecem. Aí, você passa a 'Ah, eles agradeceram'; 'Então, é assim que se fala obrigado'; 'É assim que se fala oi'. Então você passa a ligar as coisas e passa a se interessar, entendeu? Então, 'Ah, poxa e tal'. Aí, você começa... Eu mesmo, atualmente, estudo a língua coreana.</i>
R2	<i>Então, é mais para podermos ter um contato maior com o ídolo. É só pra poder comentar as redes sociais. Pra ver se tem alguma ínfima possibilidade de eles verem, curtirem nosso comentário.</i>

R3	<i>Mas igual nesse contato que a gente teve, já vieram alguns grupos aqui pra Goiânia, né? E a gente fez parcerias, então a gente conseguiu ajudar nos eventos. E aí, eu senti realmente essa exclusão. Eu e quem não sabe, né, da equipe, a gente ficava 'Nossa...'. Mas mesmo que eles falassem inglês e tipo, fossem super amorzinhos, a gente sente essa 'Nossa, mas se eu soubesse falar em coreano, eu poderia estar interagindo ali. Mas eu não to'. Então, tá, né?</i>
----	--

Fonte: Palha (2021, p. 59-61).

Os recortes se referem aos trechos a respeito da necessidade de aprendizagem da língua coreana no processo de culto à música pop coreana dentro do *fandom* brasileiro.

Para complementar, um estudo recente realizado por Gabas (2021), em meio a famílias transnacionais coreanas residentes no Brasil, a autora buscou compreender o valor da língua coreana entre essas famílias. Em sua pesquisa, ela desenvolve entrevistas com quatro mães pertencentes a uma comunidade sul-coreana no interior de São Paulo. As entrevistas avaliavam as práticas linguísticas, em coreano, dos filhos e quais as estratégias adotadas por essas mães para o fortalecimento e ensino da língua coreana no ambiente familiar enquanto residiam no Brasil.

A pesquisa é interessante por dialogar com as discussões trazidas ao longo deste tópico. A análise do texto percorreu, assim como apontado na discussão, as ideologias pós-nacionalistas, em que essas mães buscavam o ensino das línguas, não para o orgulho e nacionalismo identitário, mas para que seus filhos, ao retornar à Coreia, pudessem se inserir no mercado de trabalho (GABAS, 2021).

Por que aprender coreano? Tensões entre ideologias de linguagem

A análise e discussão desta seção focalizará o conjunto de códigos de culto ao *K-Pop* e em alguns recortes de falas dos participantes do ritual desses cultos presentes no texto de Palha (2021) e, a partir disso, serão realizadas possíveis reflexões entrelaçadas aos conceitos de ideologia da linguagem (MOITA LOPES, 2013) e mercantilização da linguagem (HELLER; DUCHÊNE, 2012). Antes, vale destacar que esta pesquisa traz apenas um recorte dessa aculturação de consumo por fãs brasileiros da música pop coreana.

Para compreender melhor a língua coreana no processo de culto ao *K-Pop*, realizou-se um novo questionário buscando dialogar com os resultados obtidos por Palha (2021). O questionário se deu no contexto *on-line* num grupo fechado no

Facebook, em que há 10,5 mil membros brasileiros de fãs de *K-Pop*. O grupo foi criado em 2018 e, nele, os membros postam, diariamente, publicações a respeito de cantores e grupos de cantores de pop coreano. As postagens vão desde discussões a respeito das músicas, curiosidades sobre os grupos até debates em torno desses grupos. No grupo do *Facebook*, os participantes podem postar, livremente, publicações diversas relativas à cultura pop coreana. Nesse sentido, para compreender a relação desses fãs com a língua coreana, indagou-se, por meio de *post*: se seria relevante aprender coreano no processo de cultuação aos grupos de *K-Pop*. Para esse questionamento, obteve-se somente 12 respostas. Os relatos obtidos estão no quadro a seguir.

Quadro 3: A relevância da língua coreana no processo de culto à música pop coreana a partir de um grupo no *Facebook*

Recortes de fala	Depoimentos
R1	<i>Eu tenho bastante facilidade em aprender línguas e tenho bastante curiosidade de aprender a língua coreana por motivos de: curiosidade, eu acredito que a partir do momento que você conhece a língua de um país você automaticamente conhece uma parte da cultura desse país o que é algo que eu também tenho curiosidade em aprender sobre a Coreia do Sul e óbvio que por questões de currículo, quanto mais línguas você fala mais chances de você ser vista/visto como alguém qualificado para o trabalho em que está se candidatando, ainda mais se você for trabalhar com línguas, como eu.</i>
R2	<i>Após conhecer o kpop, meu interesse na cultura coreana veio aumentando cada vez mais, não só a música como o país, a comida, os costumes e outras formas de entretenimento deixou tudo mais atraente aos meus olhos e com a linguagem não foi diferente. A escrita e a forma de falar são simples, e além disso, poder entender as letras das músicas que escuto, compreender o que está sendo falado em um dorama, e conseguir conversar com nativos são coisas que eu desejo fazer, por isso acho relevante aprender a linguagem [língua] coreana.</i>
R3	<i>Só não ligo em aprender agora/ estou interessado em outras línguas</i>
R4	<i>Acho importante sabermos várias línguas, para uma melhor comunicação</i>
R5	<i>Aprender coreano iria me fazer estar mais próximo à cultura dos artistas que eu gosto, além de poder entender as letras das músicas sem ter que pesquisar.</i>
R6	<i>Para mim é indiferente saber coreano uma vez que mesmo sem saber o idioma, eu ainda sou capaz de acompanhar sem nenhum problema os grupos de K-pop.</i>
R7	<i>Eu não tenho tanto tempo para assistir os vídeos ou doramas, mas se tiver a oportunidade de aprofundar numa língua escolheria coreano, já que inglês consigo dar conta.</i>
R8	<i>Me interessa por linguagens e culturas, acredito que seria interessante abranger meus conhecimentos e assim, poder entender o que falam sem ter necessidade de legendas.</i>
R9	<i>Acho legal quem sabe, mas não acho necessário.</i>

R10	<i>Ter uma maior conexão com meus favs [abreviação de favoritos].</i>
R11	<i>Aprender para acompanhar e entender melhor as músicas.</i>
R12	<i>Gostaria de aprender porque um dos meus ideais é ser poliglota e a SK [South Korea] é um dos países em destaque no mercado profissional que atuo, mas fandom ou kpop não seriam os motivos principais pela escolha [...] a língua coreana não é minha prioridade no momento.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Relacionando os códigos de culto aos recortes de fala dos fãs participantes, em um primeiro momento, é possível reconhecer uma ideologia da linguagem atrelada ao nacionalismo e ao imaginário dos participantes de culto ao *K-Pop*, de língua que representa um Estado-nação (MOITA LOPES, 2013).

Na fala de R1, a demarcação desse processo é intensificada, a ideologia da linguagem atrelada à construção de identidade cultural, no qual o fã precisa saber a língua para consumir determinada cultura e ter acesso a ela. É possível também ter um olhar para a constituição identitária imaginária do sujeito coreano, em que esse fã quer aprender a língua coreana para aprender uma parcela dessa cultura que está atrelada ao *K-Pop*.

Também se observa o discurso de orgulho (*pride*) apresentada por Heller e Duchêne (2012), no sentido de que esse sujeito quer aprender a língua, levando em consideração um repertório de pertencimento, isto é, o fã precisa saber a língua para pertencer àquela cultura e ter acesso aquele ídolo, que também faz parte dos códigos do culto ao *K-Pop*.

Logo, a identidade que R1 cria dos coreanos, por conta do *K-Pop*, leva em consideração a visão de linguagem como marca de identidade, como *pride* (orgulho), isto é, se eu sei falar a língua coreana, eu terei acesso à cultura coreana, isto é, poderia fazer parte dela.

É possível observar também, nas falas de R2 e R3, uma performance de fã atrelada a um objetivo específico. Neste caso, por meio do depoimento, podemos dar atenção a dois pontos: 1) ter um contato maior com o ídolo e 2) “só” para comentar nas redes sociais. Em ambos os pontos, é possível observar o repertório deste fã atrelado ao conceito de *profit*, ele quer obter uma habilidade (*softskill*) para um fim específico, o de interagir com o seu ídolo. Assim, é possível observar a relação econômica entre esse

sujeito (fã) e a língua (coreana), ele constrói um repertório linguístico pensando em habilidades, ou seja, um repertório linguístico como *softskill* (HELLER; DUCHÊNE, 2012).

Em R1, o recorte traz também um posicionamento interessante no sentido de linguagem como um feixe de habilidades, já que o depoimento diz “eu acredito que a partir do momento que você conhece a língua de um país você automaticamente conhece **uma parte** da cultura desse país” e isso demonstra o reconhecimento de que saber a língua, como estrutura, não designa toda cultura, ou seja, ela vai além, pois é uma parte dessa cultura. No mesmo recorte, porém, observamos outro ponto “óbvio que por questões de currículo, quanto mais línguas você fala mais chances de você ser vista/visto como alguém qualificado para o trabalho em que está se candidatando” e, novamente, assim como mencionado anteriormente, é possível notar o papel da língua coreana como feixe de habilidades, e não como identidade, por exemplo, mas como uma habilidade para adentrar ao mercado de trabalho. A língua, aqui, é considerada uma *softskill*, uma habilidade a ser conquistada para seu repertório, em que quanto mais línguas você souber, mais valor é agregado ao seu repertório linguístico e carreira profissional (HELLER; DUCHÊNE, 2012).

Em R2, há dois pontos que chamam atenção, a relevância da língua coreana no repertório de fã, novamente, a língua como habilidade, mas também “conseguir conversar com nativos”. Neste trecho, podemos relacioná-lo às ideologias da língua, uma ideologia nacionalista. Por que conversar com nativos? Observa-se uma visão monolíngue, de que o nativo possui conhecimento de uma “língua” que é desejável e que está atrelada ao Estado-nação (IRVINE; GAL, 2000).

Em R3, a resposta “estou interessado em outras línguas” nos faz pensar quais seriam as outras línguas e o porquê de estar interessado em outras línguas. O depoimento não traz muitas especificações, somente a reflexão do porquê aprender outras línguas, diferente do R4, ao dizer que é relevante saber coreano, pois acha “importante sabermos várias línguas, para uma melhor comunicação”. Neste trecho, podemos refletir se de fato seria importante saber várias línguas para se comunicar, então, podemos retomar o mesmo posicionamento mencionado anteriormente de língua, estrutura, alinhada às perspectivas de linguagem da nova economia globalizada, como uma habilidade.

Em R5, notamos imbricações de visões, conforme Irvine e Gal (2000) discutem, referentes à ideologia da cultura homogênea, monolíngue e nacionalista. Ao saber a

língua, este fã estaria próximo ao seu ídolo, mas essa língua é uma língua que representa toda a Coreia do Sul e a cultura coreana, portanto, há um apagamento das diversidades existentes no país e uma visão única, de que, saber a língua é o suficiente para estar próximo de toda cultura coreana.

Ainda em R5, mas considerando R8, R10 e R11, a língua coreana é considerada relevante para que esses fãs consigam compreender o que seus ídolos falam sem necessitar de legendas e “entender melhor as músicas”. A relevância, aqui, seria o de aprender uma língua com um propósito específico: o de performance de fã de pop coreano e a língua como uma habilidade.

No R6 e R9, os sujeitos acreditam não ser relevante saber coreano, pois conseguem acompanhar os grupos de *K-Pop* por meio de legendas, portanto, não estão imersos em ideologias de linguagem citadas. Não sei se é possível afirmar que por isso não estão imersos em ideologias da linguagem citadas, pois se consomem *K-Pop* coreano de alguma forma estão imersos também.

Diferentemente dos depoimentos anteriores, em R7 e R12, os sujeitos estão imersos em perspectivas da linguagem pertencentes ao capitalismo recente e suas ideologias linguísticas. No depoimento presente em R7, nota-se tal questão em “se tiver a oportunidade de aprofundar numa língua, escolheria coreano, já que inglês consigo dar conta”. Esse sujeito tem a língua inglesa como algo icônico, a língua inglesa é uma língua que esse sujeito já “domina” em certa medida, isso nos traz reflexões em torno da idealização da língua inglesa como uma visão de ferramenta para comunicação, como esse sujeito já a domina, aprenderia, portanto, a língua coreana. Esse sujeito já é transnacional, porque no inglês ele “já se vira”. Em R12, o sujeito deseja ser poliglota e essa motivação pode estar ligada a discursos de *profit* (lucro), já que podemos afirmar por meio de “um dos meus ideais é ser poliglota e a SK [South Korea] é um dos países em destaque no mercado profissional que atuo” em que, ao ser poliglota, essas línguas atuariam como recurso econômico (HELLER, DUCHÊNE, 2012).

Em síntese, os dez códigos em si cooperam para o processo capitalista, pois os fãs se sentem na obrigação de aprender a língua com a crença de que, ao aprender a língua, pertencerão ou poderão pertencer, de fato, àquela comunidade (nacional e de *fandoms*), àquela cultura. Com isso, conseguimos notar a sede de fãs por consumir a língua coreana. Desse modo, a indústria, sabendo disso, lança diversos cursos em diversas plataformas para atender a demanda desse nicho do mercado. Comprova-se isso por

meio do relatório da plataforma de ensino *Duolingo*, mencionada na apresentação deste texto, e a sede de aprendizagem da língua coreana, por exemplo, confirmada pelo trecho do R1: “Eu mesmo, atualmente, estudo a língua coreana”. Dentre esse esquema, conseguimos ver a língua sendo mercantilizada como um produto cultural a ser consumido e que a busca, por esse consumo, apenas fortalece a indústria cultural coreana e seu funcionamento capitalista.

Considerações Finais

Neste texto, procurou-se trazer reflexões em torno da crescente procura pela aprendizagem da língua coreana, e de que forma se desdobra esse processo, levando em consideração as ideologias da linguagem (MOITA LOPES, 2013; GAL; IRVINE, 2019) e a mercantilização da linguagem (HELLER; DUCHÊNE, 2012), ambos os pontos como consequência da expansão da cultura coreana, junto a ela o *K-Pop* e o seu *fandom*. Para elucidar as discussões, foram apresentados os dez códigos do culto à música pop coreana e relatos de fãs que praticam, em partes, o culto.

Nas análises e discussões, foi possível identificar visões de alguns fãs, como R1 e R, à ideologia nacionalista na qual a língua representa o Estado-nação coreano, o saber a língua como ideia de pertencimento, além da língua e cultura como homogênea. É possível observar a língua aqui como marca de identidade, se eu souber a língua, eu irei acessar e pertencer àquela cultura (*pride*). Nesse aspecto, viram-se questões interligadas ao apagamento das variações linguísticas e a reafirmação da ideologia monolíngue.

Também foi possível reconhecer a mercantilização da linguagem em falas dos fãs, como de R2, R5, em que eles afirmam que querem aprender a língua para um objetivo específico, o de ter acesso maior ao seu ídolo, nesse sentido, a língua seria uma habilidade a ser conquistada para um determinado propósito, como uma *softskill* (lucro).

Conclui-se, portanto, que tais reflexões estão entrelaçadas com a globalização e a economia e que há tensões em termos de ideologias da linguagem. Por meio do *K-Pop*, a cultura do entretenimento coreano fortalece todo um sistema capitalista e, nele, nota-se que a língua coreana se tornou algo comercializável. Se antes ela era parte do *marketing* de um produto, hoje, ela se torna o produto.

Referências

CRUZ, A. G. B.; SEO, Y.; BINAY, I. Cultural globalization from the periphery: translation practices of english-speaking K-Pop fans. **Journal of Consumer Culture**, v. 21, n. 3, 2019, p. 638-659.

GABAS, T. M. A língua coreana como recurso em famílias transnacionais. **Trab. Ling. Aplic.**, v. 2, n. 60, 2021, p. 395-409.

GAL, S.; IRVINE, J. T. **Signs of difference: Language and ideology in social life** Cambridge. RU: Cambridge University Press, 2019.

HELLER, M. Globalization, the new economy, and the commodification of language and identity. **Journal of Sociolinguistics**, v. 7, n. 4, 2003, p. 473-492.

HELLER, M.; DUCHÊNE, A. Pride and profit: Changing discourses of language, capital and nation-state. In: A. Duchêne; M. Heller (Orgs.). **Language in late capitalism: Pride and profit**. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 1-21.

HELLER, M. **Sustaining the nation: the making and moving of language and nation**. New York: Oxford University Press, 2016.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language Ideology and Linguistic Differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (ed.). **Regimes of Language: ideologies, politics, and identities**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 2000, p. 35-83.

JIN, D. Y. **New Korean Wave: transnational cultural power in the age of social media**. [S. l.]: University of Illinois Press, 2016.

JUNG, S.; SHIM, D. Social distribution: K-Pop fan practices in Indonesia and the 'Gangam Style' phenomenon. **International Journal of Cultural Studies**, v.17, n. 5, 2014, p. 485-501.

KROSKRITY, P. V. Language Ideologies. In: DURANTI, A. (ed.). **A companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004, p. 496-517.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PALHA, A. P. **Fãs brasileiros de K-Pop: um estudo sobre aculturação de consumo**. 2021. 167 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

WALSH, J. Hallyu as a Government Construct: The Korean Wave in the Context of Economic and Social Development. In: **The Korean Wave: Korean Popular Culture in Global Context**. Edited by Yasue Kuwahara. 2014.

Submetido em 31 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de dezembro de 2022.

O RISO NO CANAL “DESCONFINADOS”: CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO HUMOR POR EVANGÉLICOS EM PRÁTICAS DISCURSIVAS NO YOUTUBE¹

THE LAUGH AT THE CHANNEL “DESCONFINADOS”: CONSIDERATIONS ABOUT THE USE OF HUMOR BY EVANGELICALS IN DISCURSIVE PRACTICES IN YOUTUBE

VITOR SIMIQUEL BORGES²

RONY PETERSON GOMES DO VALE³

Resumo: Este artigo é resultado dos estudos realizados na dissertação de mestrado intitulada “Evangélico também faz rir: uma análise discursiva do humor do canal ‘Desconfinados’”, e visa compreender e vislumbrar a construção do riso no discurso nos esquetes desse canal. Para esse objetivo ser explorado, a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau torna-se relevante como pressuposto teórico-metodológico, mas também se levou em conta as reflexões de Vale (2013) sobre os estudos de Propp (1992) acerca do riso. Quanto ao *corpus*, cinco esquetes do canal são representativos para a análise, com os temas relacionados ao mundo evangélico. Cabe relatar que as análises são voltadas aos atos de comunicação humorísticos (ACHs) nas falas das personagens dos vídeos. A problemática que envolve o trabalho está relacionada ao questionamento sobre como o riso se faz presente no canal, tendo em vista que o riso tem a tendência de ser maléfico, mal visto, e possui o risco de insultar os outros e, no caso do cristianismo em especial, pode ser até mesmo diabólico. Isto posto, cabe relatar alguns breves resultados da pesquisa, a saber: (i) há, nos esquetes do canal, setenta e três ACHs no total; (ii) quanto ao riso no discurso, constata-se que, devido à prevalência de derrisão no *corpus* em relação aos alvos (na cena ficcional a derrisão ocorre cinquenta e oito vezes; na cena não ficcional, há quarenta e uma ocorrências), há uma prevalência do riso de zombaria. Além disso, é possível afirmar em alguns momentos a presença do riso maldoso, especialmente quando mulheres/moças são atacadas; e (iii) o riso de zombaria e o riso maldoso são voltados, consideravelmente, contra as personagens que representam mulheres/moças.

Palavras-chave: teoria semiolinguística; evangélicos; riso; humor.

¹ Este artigo é fruto de nossos estudos expostos na dissertação de mestrado intitulada “Evangélico também faz rir: uma análise discursiva do humor do canal ‘Desconfinados’”, que foi defendida no dia 30 de março de 2022, na Universidade Federal de Viçosa (Departamento de Letras).

² Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Viçosa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2044395028253063>. E-mail: vitorsimiquelborges@gmail.com.

³ PhD em Linguística do Texto e do Discurso. Professor adjunto (Linguística/Português) da Universidade Federal de Viçosa. ORCID: 0000-0002-0123-9828. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5226735709539513>. E-mail: ronyvale@ufv.br.

Abstract: This article is the result of the studies carried out in the master's dissertation intitled “Evangelical also makes you laugh: a discursive analysis of the humor of the channel ‘Desconfinados’” humor, and aspire to comprehend and perceive the laughter elaboration through the discourse at this channel’ skits. For that objective to be explored the Patrick Charaudeau’s Semiolinguistics Theory becomes relevant as a theoretical-metodological presupposition, but it also takes credit at Autor’s 2 (2013) reflexions about Propp’ (1992) studies on humor. About the *corpus*, five skits of the channel are representatives for the analysis, the theme is related to evangelical view. It is worth to report the analysis are focused on the humourous acts of communication (HACs) at the character’s lites on the vídeos. This issue suggested by this work is related to the question about how the laugh is made at this presente channel, consideringf that the laugh has the tendency too f being malefic, bad seen, and possess the risk of being insulting at the others and, in this case at cristianity in special, it can be even diabolic. With that, it is worth to report some short results from the research, to knowledge: (i) it has, in the channel’ skit, seventy three HACs in total; (ii) about the laughter in discourse, it appears that, due to the prevalency of the deridion at the *corpus* in relation with the target, (at the fictional scene the derision occurs fifty eighth times; at the non fictional scene it has fourty one occurrency), there is a prevalency of the mockery laughter. Along with that, it is possible to claim the presence of the evil laughter in some moments, specially When women/ladys are being attacmked; and (iii) the mockery laughter and the evil laughter are directed, considerably, against the characters that representes women/ladys.

Keywords: semiolinguistic theory; evangelicals; laugh; humor.

Introdução

De forma notória, os evangélicos têm se aventurado no campo do humor a fim de produzir conteúdos de natureza humorística na *internet*. Entre esses evangélicos, muitos fazem parte de uma camada advinda do protestantismo: o pentecostalismo (BANDEIRA, 2017). Assim sendo, o que salta aos olhos é o canal “Desconfinados”⁴, do qual o principal idealizador e roteirista é o Jonathan Nemer, conhecido como humorista e evangélico. Ele compartilha esquetes no *YouTube*, relatando as mais diversas situações do cotidiano, inclusive as da vida do povo evangélico.

Desse modo, os evangélicos não ficam de fora das produções de conteúdos relacionados ao humor na *internet* e acabam alcançando um público mais adepto aos seus princípios. Analogamente, sabe-se que nos dias atuais a maioria dos religiosos não compactua com determinados conteúdos feitos por canais como o “Porta dos Fundos”, que produz um humor iconoclasta, e isso é visível nas redes sociais⁵ e nos comentários de plataformas digitais como o *YouTube*, por exemplo.

⁴ Este canal está disponível em: <https://www.youtube.com/@desconfinados>. Acesso em: 20 dez. 2022.

⁵ Em um *tweet* mais recente da página do “Porta dos Fundos”, em que foi compartilhado um trecho de um vídeo chamado “Missão Descumprida”, no qual Fábio Porchat personaliza Jesus jogando vídeo game após ter morrido crucificado, juntamente com Deus chamando sua atenção por ter descumprido sua missão na terra, algumas pessoas expressaram um significativo descontentamento com o conteúdo. Disponível em: <https://twitter.com/portadosfundos/status/1346097803530006529>. Acesso em: 05 fev. 2021.

Isto posto, torna-se relevante compreender e vislumbrar a construção do riso no discurso do canal “Desconfinados”, tendo em vista que o riso tem a tendência de ser maléfico, mal visto, e possui o risco de insultar e, no caso do cristianismo em especial, pode ser até mesmo diabólico, como foi considerado no decorrer da história entre os clérigos, pelos pensadores cristãos, entre outros (MINOIS, 2003). Além disso, elencamos alguns objetivos específicos, decorrentes do objetivo geral, a saber: (i) conhecer mais e melhor o atual contexto em que os evangélicos se inserem; (ii) descrever o contrato de comunicação dos esquetes de “Desconfinados”; (iii) descrever a dupla enunciação nos esquetes tendo como base o conceito de *mise en scène* da Semiologia; (iv) descrever e analisar os atos de comunicação humorísticos presentes nas falas das personagens dos esquetes do canal. No que tange à metodologia, a teoria Semiológica de Patrick Charaudeau mostra-se favorável, pois ela oferece um aparato teórico-metodológico adequado para a descrição e análise dos atos de comunicação humorísticos (ACHs) nos esquetes, uma vez que em Charaudeau (2006; 2011) há categorias e conceitos aplicáveis para a análise do humor enquanto manifestação discursiva. Não obstante, são igualmente relevantes as discussões de Vale (2013), o qual afirma que há uma visada de fazer-rir e reflete sobre o riso em uma perspectiva discursiva tendo como base os apontamentos de Propp (1992).

No que tange ao *corpus* da pesquisa, selecionamos cinco esquetes para a análise com os temas relativos ao mundo evangélico, são eles⁶: “Cantadas de Salomão”, “Profetada”, “Crente namorando gente do mundo”, “Pastor Tentado” e “Oração Indireta”. Damos uma importância maior aos temas do mundo evangélico por conta do objetivo deste trabalho, bem como para conhecer mais e melhor a relação entre o humor e a religião.

Além disso, como os esquetes são compostos por textos não verbais, priorizamos a análise da linguagem verbal – por meio de transcrição. Não obstante, focamos na análise dos atos de comunicação humorísticos presentes nas falas das personagens dos esquetes para chegarmos às nossas considerações a respeito da presença do riso no canal. Desse modo, para analisarmos esses atos, levamos em conta às considerações

⁶ Os presentes esquetes selecionados encontram-se, respectivamente, nas seguintes fontes: “Cantadas de Salomão” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qd0YJFCt5tA>. Acesso em: 10 set. 2021; “Profetada” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWVc2jkjVeA>. Acesso em: 10 set. 2021; “Crente namorando gente do mundo” está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q00_buBFNfE&t=124s. Acesso em: 10 set. 2021. “Pastor Tentado” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFIGLUEZA0E>. Acesso em: 10 set. 2021; “Oração Indireta” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ywc4eJS2la4>. Acesso em: 10 set. 2021.

sobre o humor de Charaudeau (2006; 2011) e também alguns conceitos mais gerais da Teoria Semiolinguística. Ademais, também lançamos mão das técnicas relacionadas ao humor em Freud (2017), uma vez que elas ajudam a encontrar os efeitos de humor nos discursos.

Entrementes, há a análise dos dados e a exposição quantitativa dos resultados dessas análises. No entanto, não é possível demonstrá-las neste artigo em sua completude, por isso remetemos à dissertação de mestrado intitulada “Evangélico também faz rir: uma análise discursiva do humor do canal ‘Desconfinados’”. Portanto, nessa oportunidade nos ocupamos em demonstrar algumas considerações sobre o uso do humor por evangélicos no *YouTube*, tendo como base nossas análises. Por fim, adiantamos que, na seção de análise, optamos por apresentar as análises baseadas em Charaudeau (2006; 2011; 2016) e em Freud (2017). Após isso, nas conclusões, acatamos os resultados dessas análises para tecer algumas considerações a respeito do riso em “Desconfinados”.

Assim sendo, neste trabalho abordamos sobre os evangélicos na contemporaneidade e a sua relação com o humor. Após isso, expomos alguns conceitos e categorias da Teoria Semiolinguística para assim chegarmos à discussão sobre o riso e a visada de fazer rir. Por fim, apresentamos algumas análises feitas do *corpus*. Ademais, nas considerações finais levamos em conta os resultados das análises para expormos as considerações acerca do riso no canal “Desconfinados”.

Os evangélicos na contemporaneidade

Com os evangélicos, hodiernamente, garantindo mais espaço na sociedade – não obstante o seu crescimento numérico no Brasil com uma hegemonia pentecostal – eles criam produções que variam desde músicas, revistas, programas na televisão etc. (CUNHA, 2007). Desse modo, os evangélicos acabam se enveredando no campo do entretenimento, posto que:

a cultura do consumo e da mídia, construídas no interior do protestantismo, resultaram no modo de ser *gospel* que insere o entretenimento como valor. Tendo como expressão mais forte a música, a cultura *gospel* derrubou barreiras evangélicas com a dança e com um dos maiores inimigos das igrejas – o carnaval (CUNHA, 2007, p. 148, grifos da autora).

Isto posto, pode-se afirmar que “o *gospel* transcendeu o espaço das igrejas” (CUNHA, 2007, p. 30, grifo da autora). Nesse sentido, há um modo de ser evangélico próprio desses produtores inseridos no mundo *gospel*⁷: esse jeito de ser, apesar de seguir as tendências atuais do consumo e da mídia, ainda se diferencia das produções de conteúdos seculares. Na esfera do entretenimento, por exemplo, o lazer é religioso, isto é, “as pessoas se divertem mais perto de Deus, ou, em outras palavras, é um lazer consagrado” (CUNHA, 2007, p.148).

Não obstante, é possível vislumbrar a *internet* como um espaço frutífero para os evangélicos, uma vez que estes passaram a usar esse meio com finalidades proselitistas (PAEGLE, 2013). Assim, “as redes sociais digitais da igreja acabam por se tornar um templo virtual que pode ser acessado a qualquer momento e sem se locomover” (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 11). Do mesmo modo,

as igrejas cristãs se adaptaram às mídias, começando pelas eletrônicas, como rádio e televisão, e depois migraram para as digitais, com a *internet* e suas redes sociais, sobretudo Facebook e YouTube, como estratégia de evangelização, pois é possível alcançar um número maior de pessoas (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 13).

No que tange ao *YouTube*, há também os chamados *youtubers* evangélicos, os quais produzem conteúdos variados nessa plataforma. Constata-se que muitos deles são fiéis das denominações protestantes do Brasil, que não tinham voz dentro da comunidade cristã (MARTINS; RIVERO, 2019). Contudo, “através das mídias digitais, sobretudo nas redes sociais, os fiéis agora podem questionar as autoridades institucionalizadas, as mensagens pregadas e até criar o seu próprio conteúdo religioso e se tornar uma influência no meio cristão” (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 12). Assim, surgem esses *youtubers*, o que altera substancialmente as relações entre as igrejas e os fiéis.

Diante do exposto, percebe-se que os evangélicos estão buscando ser mais carismáticos com o público, com o intuito de ganhar mais engajamento em seus espaços digitais. Assim, a *internet*, bem como as redes sociais, propicia uma maior circulação dos discursos desses evangélicos, o que permite com que os seus princípios e valores sejam disseminados para um público mais abrangente. Nesse sentido, os evangélicos acabam

⁷ O termo “*gospel*” no livro de Cunha (2007) é usado para designar uma cultura híbrida relacionada aos evangélicos, a qual pressupõe o cruzamento entre o tradicional e o moderno.

tendo ainda mais influência na sociedade, e aproveitam esse fato para criarem seus próprios conteúdos até mesmo no campo do humor.

Humor e os evangélicos

De acordo com Martins e Rivero (2019), os evangélicos têm se aventurado no campo do humor a fim de produzir conteúdos de entretenimento na *internet* e, como prova deste fato, é possível encontrar canais no *YouTube* como “Paxtorzão”⁸, “Tô solto”⁹, “Desconfinados”, entre outros, os quais produzem vídeos relacionados ao universo evangélico. Dessa forma, faz-se plausível afirmar que existem “humoristas gospel com milhares de seguidores nas redes sociais, sendo convidados para participarem de programas seculares na TV, além de viajarem pelas Igrejas apresentado Stand-up gospels” (BANDEIRA, 2017, p. 8).

Isto posto, pode-se dizer que “há humoristas ateus e crentes” (MINOIS, 2013, p. 579), o que deve implicar que os religiosos, dispostos a se aventurar no universo do entretenimento, procuram hoje trazer uma visão mais alegre de Cristo. Contudo, nem sempre foi assim, pois, segundo o mesmo autor, o cristianismo em geral é caracterizado por ser uma religião *séria*, marcada pelo choro em decorrência do pecado. Nesse caso, rir das fraquezas, por exemplo, de acordo com os pais da igreja, seria uma perda muito grande, visto que a falta de seriedade atrapalharia um arrependimento genuíno (MINOIS, 2013). Em contraste com este estigma, o que vem acontecendo nos últimos anos é que “o humor está na moda, o riso é de bom gosto. Na ‘sociedade humorística’ contemporânea ser desprovido de senso de humor é uma doença, quase um vício. De repente, todo mundo – a começar pelos crentes – redescobre o riso bíblico” (MINOIS, 2003, p. 115).

Além disso, ainda à esteira de Minois (2003), cabe ressaltar que, se os religiosos deixarem o humor e o riso de lado, eles são vistos como sectários, uma vez que

[...] tomar liberdades humorísticas com a Escritura é uma maneira moderna de viver a existência de um Deus ao mesmo tempo presente e ausente. A fé, atualmente, deve ser humorística, com toda leveza que isso implica, ou torna-se sectária. O riso transformou-se, no domínio religioso, em fogo purificador. Em

⁸ Este canal é dirigido por Daniel Araújo e hoje conta com cerca de 750 mil inscritos. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCyvHdB6om_ueuKbGr7TDM3g/featured. Acesso em: 08 mar. 2021.

⁹ Este canal é dirigido por Vini Rodrigues e hoje conta com cerca de mais de 2 milhões de inscritos. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/T%C3%B4Solto/featured>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

contato com ele, a fé insegura morre; a fé sem inteligência torna-se seriedade sectária e fanática (MINOIS, 2003, p. 579).

Bandeira (2017), por seu turno, salienta que, atualmente, há um número crescente de sujeitos produtores de um humor evangélico, dentre os quais muitos fazem parte de uma camada advinda do protestantismo: o pentecostalismo. Além disso, o mesmo autor afirma que, no conteúdo propagado por esses produtores, “existem fortes críticas à cultura do espetáculo no mundo gospel, de fato um descontentamento com os rumos do pentecostalismo na contemporaneidade” (BANDEIRA, 2017, p. 5). Isso pode ser percebido em uma fala de Jonathan Nemer, divulgada pela reportagem de Chagas (2015), quando o comediante explicou que um dos motivos de fazer humor na *internet* é para fazer refletir por meio do humor sobre as atitudes dos cristãos.

Desse modo, percebe-se na fala de Jonathan Nemer que o humorista, além de querer criticar as próprias atitudes dos integrantes da sua própria religião, quer passar uma imagem mais agradável do cristianismo, uma vez que a crítica aos cristãos podem ser as mesmas daqueles que não fazem parte desse grupo. Para ilustrar essa afirmação, um *print* de um vídeo de “Desconfinados” chama a atenção e deixa transparecer uma crítica contra os líderes evangélicos (especialmente os pastores) que causam escândalos sexuais extraconjugais. Vejamos a figura a seguir, de forma a evidenciar essa crítica feita por meio do humor:

Figura 1: Print do vídeo intitulado “Pastor Tentado” de “Desconfinados”



Fonte: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFIGLUEZAOE>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Como se pode notar, o título deste vídeo nos remete a dois sentidos. O primeiro, que é o mais evidente, traz a ideia de que o pastor do esquete foi tentado a cair em pecado. Assim sendo, esse sentido está diretamente ligado ao substantivo feminino

“tentação”. Por outro lado, “Pastor Tentado” também carrega o sentido de que esse pastor é impudico ou, em termos mais populares, um sem-vergonha, tornando evidente uma crítica à figura desse tipo de pastor que se envolve com outras mulheres além da sua esposa.

Diante disso, o canal “Desconfinados” de Jonathan Nemer salta aos olhos, uma vez que há o uso do humor na produção de seus conteúdos. E, para analisarmos o humor nos esquetes, partimos agora para alguns conceitos relevantes da Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau. Após isso, elencamos algumas considerações sobre o riso e a visada de fazer rir.

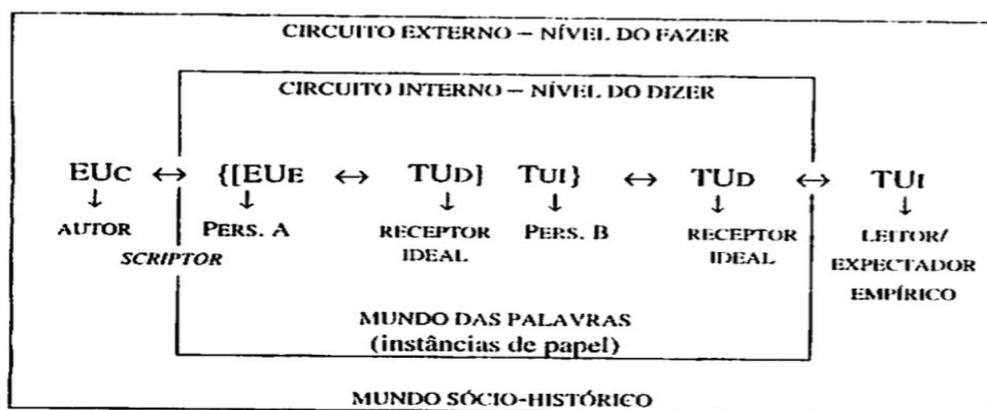
Mise en scène do discurso e a dupla enunciação

Através da Teoria Semiolingüística, o analista pode vislumbrar a dimensão psicosociolingüística do uso da linguagem, uma vez que o “discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2001, p. 26). Nesse sentido, um dos conceitos fundamentais dessa teoria é o *contrato de comunicação*, se define como o conjunto das restrições sobre as quais qualquer troca lingüística se apoia (CHARAUDEAU, 2018). Dessa maneira, essas condições e restrições são determinantes para a situação de comunicação, pois é esta que estabelece o quadro de referência de uma troca comunicativa. Pode-se dizer, então, que “toda troca lingüística se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2018, p. 68). Há cointencionalidade na troca lingüística porque tanto o(s) locutor(es) quanto o(s) interlocutor(es) devem estar cientes dessas condições.

Além disso, a fim de vislumbrarmos melhor como se realiza o discurso, é preciso levar em consideração o “quadro comunicacional”. Trata-se de um esquema de representação que coloca em cena a forma como um ato de linguagem se realiza, bem como os sujeitos nele envolvidos (CHARAUDEAU, 2016). Destarte, cabe expor aqui um quadro elaborado por Mello (2004) a fim de sermos mais objetivos e consistentes com a nossa pesquisa, uma vez que os esquetes de “Desconfinados”, à semelhança do discurso

dramático, do literário e do cinema narrativo de ficção¹⁰, possuem diversos sujeitos que integram a enunciação.

Figura 2: Quadro comunicacional



Fonte: Mello (2004, p. 95) com base em Charaudeau (2016)

Levando em consideração os esquetes, os quais possuem geralmente um roteiro, pode-se dizer que o EUC (*autor*) desse quadro representa o *roteirista*, que é a instância que toma a iniciativa no processo de comunicação e produz a enunciação. Sobre essa instância, é relevante considerar, à esteira de Alves (2006), que

tem-se um argumento inicial, que é a idéia (*sic*) do que vai ser o filme, e a partir dele é escrito o roteiro: descrição das cenas e das personagens, elaboração dos diálogos, costura das sequências (*sic*) que determinam como os fatos vão se desenrolar, começo, meio e fim (ALVES, 2006, p. 29).

Assim sendo, pode-se dizer que essa produção é feita para ser destinada a um público, o TUI, que abrange os espectadores empíricos. Além disso, o EUC passa a uma equipe a tarefa de concretizar o discurso feito no roteiro, sendo ela representada pelo *scriptor*. É importante frisar que a figura do *scriptor* faz o papel de uma ponte, tornando possível a ligação entre o roteirista e os sujeitos do espaço interno. Neste, há a figura do EUE' e do TUI', que “tomam forma como personagens da obra, materializados pelo *scriptor*/atores” (ALVES, 2006, p. 30). As personagens, nesse caso, devem ser consideradas como locutores, uma vez que elas são responsáveis pelo que dizem. Semelhantemente ao teatro,

[...] a situação representada se constrói entre as personagens, ou seja, são elas que enunciam, que se dirigem ao (*sic*) leitores/espectadores. Elas falam umas

¹⁰ Alves (2006, p. 29) diz que “o termo *cinema narrativo de ficção* se refere a filmes construídos com recursos narrativos para contar uma determinada história fictícia” (grifos da autora).

às outras, dialogam entre si, em uma situação de comunicação reversível, respeitando as regras conversacionais, como se elas ignorassem a presença dos leitores/expectadores (MELLO, 2004, p. 96).

Além disso, há os TUD's do quadro. Ambos estão localizados no nível do dizer e representam os receptores ideais do EUC e do EUE'. Quanto ao EUC, ele constrói um sujeito-destinatário-ideal a fim de cumprir o seu projeto de fala no circuito externo. De modo semelhante, o EUE', nas interações que ocorrem nas cenas ficcionais, sempre tem um TUD' estabelecido para realizar as “estratégias discursivas” (que dizem respeito à margem de manobra que o sujeito se utiliza para realizar seu projeto de fala (CHARAUDEAU, 2016)) no mundo das palavras. Ademais, identificamos o EUE' com uma linha, pois este é diferente do EUE do quadro clássico de Charaudeau (2016, p. 52), uma vez que o EUE' representa a personagem que fala em um ato de comunicação. Da mesma forma, o TUI' e o TUD' representam os sujeitos da encenação mais interna.

A Mise en scène triádica do ato de comunicação humorístico e algumas categorias

De acordo com Charaudeau (2006), na encenação de um ato de comunicação humorístico, existem três sujeitos: o *locutor*, o *destinatário* e o *alvo*. Destarte, o primeiro é aquele que propõe o ato, o segundo é o sujeito que recebe um chamado a partilhar da encenação do humor e pode assumir o papel de cúmplice ou de alvo. Este último, por sua vez, é uma instância cambiante, pois pode representar um sujeito que não está presente diretamente quando ocorre um ato de linguagem; por outro lado, o alvo também pode se fundir tanto ao locutor (que é quando se verifica uma autoironia) quanto ao destinatário (quando este se torna vítima ou cúmplice de um ACH) (CHARAUDEAU, 2006).

Além disso, cabe dizer que Charaudeau (2006; 2011) afirma que o “ato de comunicação humorístico” diz respeito ao “humor” sendo utilizado como “estratégia discursiva” no interior das mais diversas situações de comunicação, a fim de que um locutor estabeleça certa convivência com o seu interlocutor. Desse modo, em um ato de comunicação humorístico, há os procedimentos linguageiros, que são divididos em lingüísticos e discursivos. O primeiro faz parte de “um mecanismo léxico-sintático-semântico que diz respeito ao explícito dos signos, sua forma e seus sentidos, bem como

às relações forma-sentido.”¹¹ (CHARAUDEAU, 2006, p. 25-26, tradução nossa). Quanto aos procedimentos discursivos, eles dependem do mecanismo de enunciação e, da mesma forma, “da posição do sujeito falante e do seu interlocutor, do alvo visado, do contexto e do valor social de um domínio temático determinado” ¹² (CHARAUDEAU, 2006, p. 26, tradução nossa).

Assim sendo, cabe expor algumas categorias relacionadas aos procedimentos discursivos, são elas¹³: a *ironia*, o *sarcasmo* e o *gracejo*. Quanto à primeira, ela propõe uma dissociação entre o dito e o pensamento, desejada pelo locutor, podendo esta mostrar, até mesmo, uma relação contrária entre o explícito e o implícito. Nesse sentido, evidencia uma apreciação positiva que deixa implícito um pensamento negativo sobre determinado *alvo*.

No que tange ao sarcasmo, este se baseia no momento em que o pensamento e o dito são negativos sobre determinado alvo; no entanto, o dito negativo é, de certa forma, exagerado ou mais agressivo. Quanto ao gracejo, por sua vez, o Vale (2009) o encontrou em algumas piadas de seu *corpus* e propôs que houvesse uma distinção entre ele e o sarcasmo, uma vez que

[...] em português, esses termos podem assumir significados distintos de acordo com a sua relação com a propriedade da hilaridade. De acordo com o Houaiss (2002), tanto gracejo quanto zombaria podem assumir significados como “... dito engraçado, espirituoso, ou que pretende sê-lo, graça”; por outro lado, sarcasmo apresenta conotações ligadas a uma ironia cáustica, agressiva, que nem sempre se dispõe para a hilaridade (VALE, 2009, p. 80).

Dessa forma, se no sarcasmo há uma visada implícita de agressão, de exageração, exclui-se essa possibilidade no gracejo, no qual o interesse está mais voltado na busca do lúdico e da brincadeira.

No que se refere aos efeitos possíveis em relação ao auditório, por sua vez, eles possuem relação com as visadas relacionadas aos efeitos de humor. Assim sendo, trata-se do locutor em busca de estabelecer certos tipos de convivência com o destinatário. Pode-se afirmar ainda que, em um ACH, há uma co-construção dos efeitos de sentido, uma vez que o sujeito humorista visa um determinado efeito quando produz um enunciado enquanto o interlocutor o interpreta.

¹¹ No original: *d'un mécanisme léxico-syntaxico-sémantique qui concerne l'explicite des signes, leur forme et leur sens, ainsi que les rapports forme-sens.*

¹² No original: *de la position du sujet parlant et de son interlocuteur, de la cible visée, du contexte d'emploi et de la valeur sociale du domaine thématique concerné.*

¹³ Destacamos as categorias que mais aparecem no *corpus*, bem como aquelas que podem ser vislumbradas nas análises do artigo.

Desse modo, destacam-se algumas categorias, a saber: a convivência “lúdica”, a de “derrisão” e a “crítica”. Em relação à convivência “lúdica”, ela procura compartilhar uma visão do mundo que é decalcada e isso acontece sem que haja um engajamento moral aparente. Por sua vez, a “crítica” propõe uma falsa aparência de virtude, a qual pode esconder valores negativos. E, por último, na “derrisão” existe uma busca de mostrar a insignificância do alvo, fazendo com que ele seja diminuído e humilhado.

Algumas técnicas relacionadas ao humor

Antes de expormos sobre o riso no discurso, cabe discutir brevemente a respeito das técnicas¹⁴ relacionadas ao humor, uma vez que, por meio delas, é possível uma percepção mais sólida dos efeitos de humor nos esquetes de “Desconfinados”. Assim sendo, neste artigo, nos apoiamos em Freud (2017), o qual, com o objetivo de explorar a relação do chiste com o inconsciente, efetua, num primeiro momento de sua obra, várias análises das técnicas dos chistes. Ele afirma que a construção de um chiste envolve o uso de uma técnica verbal ou expressiva. Dentre essas técnicas, vale ressaltar algumas significativas neste trabalho, a saber: duplo sentido, deslocamento, réplica direta, ironia ou representação pelo oposto, alusão, dentre outras.

Em relação ao duplo sentido, Freud (2017) explica que ele compreende um jogo de palavras. Assim sendo, uma palavra “pode, graças a certas circunstâncias favoráveis, exprimir um duplo sentido” (FREUD, 2017, p. 56). No entanto, o psicanalista ressalta que existe mais de um tipo dessa técnica. Há, por exemplo, “o duplo sentido que vem do significado *efetivo* e do *metafórico* de uma palavra” (FREUD, 2017, p. 55, grifos do autor).

Cabe também expor sobre o deslocamento e a réplica direta. O primeiro diz respeito a um desvio no curso do pensamento, o qual geralmente se realiza, num diálogo, por exemplo, entre uma fala e uma resposta (FREUD, 2017). Quanto à réplica direta, é possível dizer que ela também consiste em um desvio, em um erro de raciocínio, no entanto, diferentemente ao que acontece no deslocamento, no qual existe um cinismo disfarçado, este é abertamente admitido quando o locutor expressa uma réplica direta (FREUD, 2017).

¹⁴ À esteira de Vale (2009), como na literatura sobre o humor há vários termos que possuem ligação com o verbete “técnica”, nesta pesquisa esse termo também será tomado de forma genérica “[...] para designar as marcas linguísticas e discursivas responsáveis por possibilitar a percepção dos efeitos de humor [...]” (AUTOR 2, 2009, p. 30) que, no contexto deste trabalho, realizamos nos esquetes.

Quanto à ironia, ela compreende a representação pelo oposto e “serve ao trabalho do chiste em diversas operações” (FREUD, 2017, p. 102). Entrementes, o mesmo autor esclarece que essa técnica, assim como as outras, não é exclusiva do chiste e nem é suficiente para caracteriza-lo. Por fim, há a alusão em que há a “apresentação de algo que não pode ser expresso diretamente”, sendo que ela consiste na “substituição por algo ligado a uma conexão no pensamento” (FREUD, 2017, p. 108; 109).

Diante do exposto, pode-se ressaltar que essas técnicas são um meio significativo de encontrarmos um sarcasmo ou uma derrisão no *corpus*, por exemplo, uma vez que, se uma personagem no esquete admite um cinismo, podemos dizer que há uma visada de humilhar determinado alvo por meio do humor.

Considerações sobre a visada de fazer rir e o riso no discurso

Como vimos, para Charaudeau (2006), um ato de comunicação humorístico (ACH) não deve ser visto como um ato que tem o objetivo de fazer-rir. Nesse sentido, a Teoria Semiolinguística não fornece subsídios suficientes para a descrição de uma visada ligada diretamente ao riso. De forma semelhante, como Vale (2013) pontuou sobre as conviências em Charaudeau (2006), este não diz que as emoções ligadas às conviências são passíveis de gerar o riso.

À vista disso, Vale (2013) possui um posicionamento distinto e afirma que devemos considerar as funções do riso¹⁵, que podem estar relacionadas, por exemplo, à derrisão, ou também a um desejo de causar um alegramento através do riso. Além disso, ainda segundo Vale (2013), é possível afirmar que há uma visada de *fazer-rir*, sendo que ela pode ser utilizada

[...] objetivando alcançar: a felicidade (pelo alegramento ou pela boa saúde); o sucesso na argumentação (apresentando-nos como pessoas civilizadas e urbanas); o descanso das obrigações religiosas; as verdades diferentes daquelas propostas pelas teses ditas sérias; a purificação dos vícios e dos defeitos da alma (VALE, 2013, p. 93).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a visada de *fazer-rir* dilui-se nos diferentes tipos de discurso e nas mais variadas situações de comunicação. Além disso, essa visada, “em relação àqueles que herdaram as funções de fazer rir, torna-se um efeito visado que

¹⁵ Diversos tratados foram elaborados no decorrer dos séculos a fim de trazer à tona discussões relacionadas ao riso. Portanto, não é de nosso propósito fazer uma exposição sistemática das funções do riso neste trabalho.

garante um *mix* de retaliação e sucesso junto ao público e à sociedade” (VALE, 2013, p. 93).

Não obstante, refletindo sobre o riso em uma perspectiva discursiva, Vale (2013) considera os apontamentos de Propp (1992) tendo em vista a percepção dos tipos de riso no discurso. Com base no crítico russo, é viável elencar os principais tipos de riso, são eles: *riso de zombaria* (ligado à derrisão), *riso bom*, *riso maldoso*, *riso cínico*, *riso alegre* e *riso ritual*. No que tange ao primeiro, pode-se pontuar que ele é “voltado para a punição dos vícios e para o escárnio dos defeitos (mesquinhos)” (VALE, 2013, p. 100). Além disso, esse tipo de riso, segundo Propp (1992), é o que mais se manifesta na vida. Há também o riso bom, o qual é mais difícil de ser encontrado na sociedade e se diferencia do riso de zombaria por não trazer consigo o efeito de derrisão.

No riso maldoso, por sua vez, Propp (1992, p. 159) afirma que “os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência”. Esse tipo de riso possui grandes similaridades com o riso cínico, porém, este último se difere “pelo fato de que retira seu prazer da desgraça alheia” (VALE, 2013, p. 100).

Por fim, há o riso alegre e o riso ritual. Quanto ao primeiro, ele não tem nenhuma ligação com a punição dos defeitos de outrem e, por isso, não carrega o efeito de derrisão. Dessa forma, “desse riso sabem rir pessoas alegres por natureza, boas, dispostas ao humorismo” (PROPP, 1992, p. 163). E, no que tange ao riso ritual, ele está relacionado aos diferentes ritos que ocorrem desde os primórdios da existência e da sociedade.

Algumas análises

Encontramos nos esquetes do canal setenta e três ACHs no total. No entanto, antes de entrarmos nas análises dos ACHs, é válido destacar alguns aspectos do contrato de comunicação de “Desconfinados”. No que tange ao circuito externo de “Desconfinados”¹⁶, isto é, ao lugar do EUC e do TUI na encenação do ato de linguagem, pode-se vislumbrar o Jonathan Nemer com a sua identidade social e psicológica. Este é o

¹⁶ Remetemos ao quadro comunicacional elaborado por Mello (2004, p.95).

roteirista dos vídeos, responsável pela parte criativa do canal, que integra a instância de produção e que toma a iniciativa no processo de comunicação.

Quanto ao TUi, ele é uma instância complexa, pois representa qualquer um que possa vir a entrar em contato com os esquetes (percebidos aqui como um veículo de interação entre os sujeitos: o EUc e o TUi). Assim sendo, é importante dizer que o processo de interpretação dos esquetes do canal se desenrola quando o público entra em contato com esses vídeos e vislumbra as interações entre as personagens.

Paralelamente, cabe considerar também a forma que o TUd parece ser idealizado pelo EUc. Segundo o que expõe Chagas (2015), Jonathan Nemer e sua equipe procuram fazer um humor sem apelo sexual, sem palavrões etc., a fim de romper com canais como o “Porta dos Fundos”, por exemplo. Assim sendo, “Desconfinados” parece buscar alcançar um público mais religioso, que se identifica com um conteúdo alternativo a um humor convencional. Dessa forma, o canal visa “suprir uma lacuna deixada pelo humor convencional, que, ao lançar mão de chacotas por vezes apelativas, afasta o público religioso.

Quanto ao nível mais interno, é possível vislumbrar as personagens. Pode-se perceber que nos esquetes do canal “Desconfinados” elas interagem constantemente como se estivessem no mundo real, criando assim um efeito de verossimilhança. Nesse sentido, são nas falas das personagens que encontramos os atos de comunicação humorísticos. Assim sendo, vejamos um exemplo do esquete “Pastor Tentado” em que a categoria do *sarcasmo* se apresentou em um trecho:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu não sei mais o que fazer, porque eu não tenho mais atração nenhuma por ele, perdi a admiração... O pastor sabe do que que eu tô falando. O pastor tá aí, inteirão e... sua esposa, não sei, né? Não sei cuida tanto. Tá todo dia de coque, deu uma engordadinha depois do último filho.

PASTOR: — É a Raquel se cuidava bastante, a Raquel ela dançava, mas depois do Mateus, do Marcos, do Lucas e do João ela... Quem não engorda trinta quilos, né? Normal... Tá parecendo um boi, mas...¹⁷

Nesse excerto, vemos a personagem “pastor” (EUe’), através de uma *réplica direta* (FREUD, 2017), expondo a sua insatisfação relacionada à sua esposa. Pode-se evidenciar, ainda, na fala do pastor que o que ele diz, resumidamente, é: “realmente, a minha esposa está muito gorda e descuidada”. Nesse passo, evidencia-se um *sarcasmo* (CHARAUDEAU, 2006; 2011), sendo que o *alvo* desse ato é a esposa do pastor. Do mesmo modo, pode-se

¹⁷ Excerto retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 00:37s. até 01:15min.

dizer que há uma visada de derrisão (CHARAUDEAU, 2006; 2011) em relação à esposa do pastor, visto que ela é rebaixada e humilhada pela personagem em cena. No que tange ao plano não ficcional, por conta desse *sarcasmo* contra a esposa, identifica-se o *alvo*: as esposas gordas, o que evoca o imaginário referente ao desprezo por mulheres/esposas gordas. Assim, vale ressaltar que nesse plano a visada também é de derrisão.

Cabe expor mais um exemplo representativo do esquete “Pastor Tentado” em que há mais um sarcasmo. Vejamos:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — E a segunda coisa?

PASTOR: — Segunda coisa: Onde você comprou essa blusa? Tem tamanho extra mega ultra GGG? Por que, se tiver, quero que você vai lá agora e compra uma para a minha esposa. Extra mega ultra GGG, para ela usar esse negócio também porque agora eu quero ver ela usando esse negócio. Mas dentro de casa! Num é, né? Por quê? Pra mim. Dentro de casa eu quero ver ela usando esse negócio. Eu quero ver como é que vai ficar nela.¹⁸

Nesse momento, a personagem “pastor” (EUE’) está revelando a segunda “coisa” à personagem “Priscila” (TUI’) por meio de uma “réplica direta” (FREUD, 2017). Além disso, observa-se que há um exagero quando ele fala sobre a roupa a ser comprada para a sua esposa, uma vez que a vestimenta deve ser do tamanho “extra mega ultra GGG”. Assim sendo, evidencia-se neste trecho um ACH “sarcástico” (CHARAUDEAU, 2006; 2011) que recai sobre a esposa do pastor e uma visada de derrisão contra ela. Não obstante, pode-se dizer que esse sarcasmo também recai sobre a personagem “Priscila” por conta do enunciado: “mas dentro de casa! Num é, né? Por quê? Pra mim”, tendo em vista que essa personagem se encontra vestida de vestes chamativas.

Vejamos mais um exemplo no qual ocorreu uma conivência de derrisão, que visa desqualificar o alvo fazendo com que este seja diminuído e desprezado pelo locutor:

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, então, mano! Tá tirando, né? Vai insistir até quando numa coisa que você sabe que não vai dar certo? Se machucando, machucando elas.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, mas é porque eu... eu acho que eu vou conseguir converter as meninas.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, cê é o tipo missionário safado então, né. Dá uns pegas, tenta ganhar pra Jesus. Que legal, né? Onde tá isso na Bíblia? Na verdade, eu tô achando que não dá certo porque é Deus livrando as meninas de você.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — É, eu tô errado, tenho que mudar... Mas também, as meninas da igreja são tudo feia.¹⁹

¹⁸ Trecho do esquete “Pastor Tentado”, de 03:54min. até 04:15min.

¹⁹ Trecho retirado do esquete “Crente namorando gente do mundo”, de 00:57s. até 01:23min.

Nesse trecho do esquete “Crente namorando gente do mundo”, vemos a personagem “Cláudio” (EUE’) dizer para o seu amigo (TUI’) que as meninas das igrejas evangélicas são feias, por meio de uma “réplica direta” (FREUD, 2017) que evidencia um ACH “sarcástico” (CHARAUDEAU, 2006; 2011). Nota-se que, ao dizer isso, a personagem “Cláudio” faz com que seu destinatário se torne um cúmplice de uma visada de “derrisão” (CHARAUDEAU, 2006; 2011). Dessa forma, é viável afirmar que, nesse caso, tanto em relação ao destinatário quanto ao alvo (as jovens/moças das igrejas evangélicas) o efeito de sentido e a visada são de derrisão. No que tange ao nível não ficcional do esquete, pode-se afirmar que, por conta da técnica “réplica direta” na fala do EUE’, o alvo da cena não ficcional (também as jovens/moças das igrejas evangélicas) sofre esse mesmo efeito da visada de derrisão.

Considerações finais

Devido à prevalência da convivência de derrisão no *corpus* (na cena ficcional a derrisão ocorre cinquenta e oito vezes; na cena não ficcional, há quarenta e uma ocorrências), é possível também dizer que o riso de zombaria se faz presente de forma significativa nos esquetes analisados. Tendo como alvo majoritariamente as pessoas, esse canal parece possuir uma inclinação de buscar gerar prazer com a somatória de sentimentos “como a satisfação e a sensação de superioridade (conquistada por uma espécie de vitória), o ódio (contra o objeto do riso), a alegria (com os pequenos infortúnios alheios), entre outros” (VALE, 2013, p. 100).

Não obstante, vale ressaltar que o riso de zombaria, assim como o riso maldoso, é voltado, consideravelmente, contra as personagens que representam mulheres/moças. Estas, no plano ficcional, são 39 vezes alvos do humor, sendo que, na maioria das vezes, a busca de convivência contra elas é de derrisão. Quanto ao plano não ficcional, pode-se notar que elas são trinta e seis vezes alvos do humor (contando as vezes que seus vícios foram atacados como o uso feminino de roupas indecentes), sendo que em todas essas ocorrências a busca de convivência com o TUD também é de derrisão.

Além disso, nota-se que, ao lado do ataque às pessoas através do humor, no canal também há a tendência da punição dos vícios. Com isso, podemos dizer que a presença do riso de zombaria é ainda mais significativa, uma vez que esse tipo de riso está

presente quando os vícios do descuido, da preguiça, da imoralidade, da ignorância etc. são alvos de zombaria nos esquetes. Não obstante, é possível depreender também a presença do riso maldoso, em que os defeitos e os vícios são hiperbolizados através do discurso. Percebe-se esse tipo de riso quando a personagem “pastor” do esquete “Pastor Tentado” ataca de forma exagerada e ofensiva a “Priscila”, por exemplo, o que permite com que no plano não ficcional haja como alvos as mulheres indecentes (onze vezes no total). Além disso, é hiperbolizada também a feiura da filha da “profetisa” no esquete “Profetada”, chegando a ser chamada até mesmo de “bichinha feia da preula”.

Cabe ainda ressaltar sobre o riso de zombaria que muitas vezes, no *corpus*, ele se manifesta a serviço da crítica. Essas críticas são dirigidas contra pessoas e vícios advindos até mesmo de dentro do próprio movimento evangélico. Basta trazer à memória o que o amigo do “Cláudio” disse a ele para repreendê-lo: “segura esse cajado e espera”. Ou, mais significativo ainda, quando há as críticas no plano não ficcional contra os pastores imorais, por exemplo.

Além disso, o riso de zombaria também está presente no ataque às penosas obrigações e regras religiosas. Os adventistas, por exemplo, são alvos por não poderem comer carne de porco e por fazerem dos sábados dias santos. Os assembleianos são atacados por gritarem muito. E, por sua vez, os da Congregação Cristã no Brasil têm regras estranhas, como as que proíbem o corte de cabelo feminino. Com isso, pode-se dizer que esse canal busca também aumentar o nível de alteridade, visando alcançar até mesmo os não evangélicos. Nesse sentido, aqueles do interior da igreja procuram enxergar o olhar do outro sobre os religiosos e incorporam isso em seu discurso.

Nesse ínterim, pode-se afirmar que evangélico não somente chora e vive angustiado pelos pecados alheios. Evangélico também faz rir. Mas deve haver um propósito: fazer humor para um evangélico é também fazer religião. Além disso, deve-se fazer rir buscando uma imagem mais simpática do protestantismo, a fim de que os não fiéis vejam que os evangélicos não são caretas e rombudos. No entanto, é preciso ter limites e deixar claro que não se deve deixar levar pelo humor convencional ou pelo humor iconoclasta, uma vez que até mesmo a atividade de fazer rir deve ser feita de forma mais próxima de Deus.

Referências

ALVES, C. A. **Narradores de Javé**: uma análise semiolinguística do discurso fílmico. 2006. 104f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, POSLIN, UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6V4HJ5/1/disserta_o_carol.pdf. Acesso em: 04 mar. 2021.

BANDEIRA, W. S. Do que riem os pentecostais? reflexões sobre os novos humoristas gospels na grande rede. In: XII CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO ECLESIAL, 2017. **Catedra unesco de comunicação e desenvolvimento**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica, 2017, p. 1-15. Disponível em: https://www.academia.edu/38298672/Do_que_Riem_os_Pentecostais_Reflex%C3%B5es_Sobre_os_Novos_Humoristas_Gospels_na_Grande_Rede. Acesso em: 04 mar. 2021.

CHAGAS, T. Jonathan Nemer diz que já foi muito criticado por conta de suas piadas: não quero escandalizar ninguém. **Gospel Mais**, 18 mar. 2015. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/jonathan-nemer-piadas-nao-quer-escandalizar-75025.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.) **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p. 24 – 37.

CHARAUDEAU, P. Des catégories pour l’humour? **Questions de communication**: humor et média. Définitions, genres et cultures. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10, 2006, p.19-41.

CHARAUDEAU, P. Des catégories pour l’humour. Précisions, rectifications, compléments. In: GARCÍA, M. D. V. (dir.) **Humour et crises sociales**: regards croisés France-Espagne. Paris: L’Harmattan, 2011, p. 9-43.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: os modos de organização do discurso. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018

CUNHA, M. N. **A explosão Gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARTINS, A. V.; RIVERO, T. Da tv à internet, dos televangelistas aos youtubers: apontamentos sobre canais evangélicos no youtube. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2019. **PPGCC-Unisinos**. São Leopoldo, 2019, p. 1-17. Disponível em: <https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-mediatizacao-artigos/article/view/280/274>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MELLO, R. Teatro, gênero e Análise do Discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Gêneros**: reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 87-106.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PAEGLE, E. G. M. **A “Mcdonaldização” da fé**: o culto como espetáculo entre os evangélicos brasileiros. Florianópolis: Tese de doutorado UFSC, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107229/319118.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 jul. 2021.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

VALE. Rony Petterson Gomes do. **O discurso humorístico**: um percurso de análise pela linguagem do riso. 2013. 279 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, Belo Horizonte, MG, 2013.

Submetido em 23 de outubro de 2022.

Aceito em 22 de dezembro de 2022.